

MAURÍCIO JOÃO VIEIRA FILHO

**CONSERVADORISMO ACIMA DE TUDO E DE TODOS: ANÁLISE DOS
DISCURSOS DE POSSE PRESIDENCIAL DE JAIR BOLSONARO**

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2019

MAURÍCIO JOÃO VIEIRA FILHO

**CONSERVADORISMO ACIMA DE TUDO E DE TODOS: ANÁLISE DOS
DISCURSOS DE POSSE PRESIDENCIAL DE JAIR BOLSONARO**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio
Xavier

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2019



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo

Monografia intitulada Conservadorismo acima de tudo e de todos: análise dos discursos de posse presidencial de Jair Bolsonaro, de autoria do estudante Maurício João Vieira Filho, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes integrantes:

Profª. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier — Orientadora
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Rennan Lanna Martins Mafra — UFV
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Robson Evangelista dos Santos Filho
Mestrando em Linguística – Análise do Texto e do Discurso e bacharel em Comunicação
Social/ Jornalismo pela UFV

Viçosa, 20 de novembro de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me iluminado e encorajado durante toda a graduação. Em todos os momentos me guiando, protegendo e dando muita força para seguir e realizar meus sonhos.

Consegui enfrentar os desafios diários com ajuda da minha família, que esteve ao meu lado torcendo por mim. Agradeço minha avó Clarice e meus pais, Maurício e Patrícia, por confiarem em mim e me darem todo suporte que precisei.

Preciso dizer o quanto sou grato a minha mãe. Foram horas e horas conversando no telefone, trocando conselhos e tentando lidar com a saudade. Graças a minha mãe estou me formando. Muito obrigado pelo amor incondicional, cuidado e carinho.

À Diretoria de Comunicação Institucional (DCI) que me possibilitou crescer profissionalmente como jornalista tendo diferentes experiências na área. Isso tudo foi possível pelo apoio que recebi da Adriana Passos, Beatriz Ansani, Betânia Lourenço, Deise Eclache, Jerusa Fontes, Izabel Pompermayer, Sabrina Areias e Sabrina Pierre. Levarei todos estes aprendizados comigo por todos os lugares que eu trabalhar.

A todos os servidores e professores do Departamento de Comunicação Social da UFV, sobretudo, a minha orientadora Mariana Procópio. Com você, conheci a pesquisa científica e a partir daí meus horizontes enquanto estudante da comunicação se ampliaram. Obrigado por sempre me ajudar e me incentivar a ser um pesquisador. Foram tantas conversas e trocas de ideias que me motivaram a seguir meus sonhos. Um dos meus objetivos é ser professor um dia, se eu conseguir realizá-lo, e ser tão incrível para os meus estudantes quanto você foi para mim, terei certeza que estou no caminho certo.

Agradeço imensamente o professor Rennan Mafra, que esteve ao meu lado e me ajudou em diferentes momentos. Suas aulas me inspiraram e me deram a certeza de que eu estava na área certa.

Sou muito grato à professora Kátia Fraga. Sua amizade, carinho e parceria me fizeram crescer profissional e pessoalmente. Muito obrigado por transmitir sua alegria no coração e compartilhar seu afeto comigo, além de me proporcionar oportunidades únicas e incríveis.

Preciso agradecer meus amigos, pessoas que conheci em Viçosa e que levarei no coração para sempre. Especialmente, preciso dizer o quanto sou grato aos meus amigos Davi Medeiros, Ianka Silva, Luysa Reis, Danielle Patricio, Lucas Assunção, Larissa Queiroz e Vinícius Zagoto, que estiveram ao meu lado na realização deste trabalho, me aconselhando e

sendo cuidadosos em cada atitude. Preciso dizer, em especial, o quanto Luysa foi uma amiga e irmã de coração desde quando a conheci em 2016. Muito obrigado, amiga, por tudo e por fazer parte da minha vida.

São tantas pessoas para agradecer. São tantos momentos para lembrar. Mas termino registrando minha gratidão às pessoas que de alguma forma torceram por mim e estiveram comigo ao longo destes quatro anos em Viçosa.

*When everything around me starts to fall
I rise up again to the call*

(Fergie)

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo identificar e analisar como são construídas as representações para o Brasil, os brasileiros, o governo e o presidente mediante os discursos de posse presidencial em 2019. Para isso, realiza-se discussões e contextualizações da política e do discurso político contemporâneo, buscando refletir sobre a eleição presidencial de Jair Bolsonaro. Como repertório teórico-metodológico, utilizamos a análise do discurso, notadamente a Teoria Semiolinguística, proposta por Patrick Charaudeau, com destaque para os seguintes conceitos/ categorias analíticas: contrato de comunicação, *ethos*, *pathos*, estratégias discursivas, imaginários sociodiscursivos. Ao estudarmos os pronunciamentos, constata-se que Bolsonaro mobiliza os imaginários sociodiscursivos relacionados à religião para se apresentar como salvador/messias, imaginários de corrupção e criminalidade para referir ao Brasil, imaginários de cidadão de bem e de mal para brasileiros e imaginários de libertação e futuro promissor para seu governo. Ele propõe ataques aos governos anteriores à sua gestão, apresenta valores conservadores que nortearão seu mandato e retoma o fato de ter sobrevivido a uma facada. Conclui-se que os discursos de posse oficializam o início de um mandato, em que, neste caso, Bolsonaro a partir de posicionamentos conservadores e alinhados à ultradireita parecem sinalizar como serão suas atitudes e políticas para o Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: discursos de posse; análise do discurso; política; Teoria Semiolinguística; Jair Bolsonaro.

ABSTRACT

This monograph aims to identify and analyze how are constructed the representations to Brazil, Brazilians, the government and the president by the presidential inaugural addresses in 2019. For that, we discuss and contextualize the contemporary political speech, seeking to reflect about the presidential election of Jair Bolsonaro. As a theoretical-methodological repertoire, we use Discourse Analysis, notably the Semiolinguistic Theory, proposed by Patrick Charaudeau, highlighting the following analytic concepts/ categories: communication contract, *ethos*, *pathos*, discursive strategies, sociodiscursive imaginary. As we studied the pronouncements, we note that Bolsonaro mobilizes the sociodiscursive imaginaries related to religion to present himself as a saviour/ messiah, referring corruption and criminality imaginaries to Brazil, good citizen and bad citizen to Brazilians and releasing and promising future to his government. He proposes attacks to previous governments, presents conservative values that will guide his mandate and retake the fact that he survived to an knife attack. We conclude that the inaugural addresses officialize the beginning of a mandate, in which, in this case, Bolsonaro from conservative placements and far-right-aligned seems to signal how will be his attitudes and politics to Brazil.

KEYWORDS: inaugural address; discourse analysis; politics; Semiolinguistic Theory; Jair Bolsonaro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – DISCUSSÕES E CONTEXTUALIZAÇÕES SOBRE A POLÍTICA E O DISCURSO POLÍTICO CONTEMPORÂNEO: REFLEXÕES SOBRE A ELEIÇÃO DE JAIR BOLSONARO	18
1.1 A instabilidade no cenário político contemporâneo do Brasil.....	19
1.2 Modificações de estratégias das campanhas eleitorais e a midiaticização da política	23
1.3 Ascensão das redes sociais, robôs, estratégia de campanha e vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais	26
CAPÍTULO 2 – CONCEITOS DA TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA UTILIZADOS NA ANÁLISE DOS DISCURSOS POLÍTICOS	32
2.1 Contrato comunicacional e seus elementos.....	33
2.1.1 Sujeitos do discurso.....	34
2.2 Discurso político e discurso de posse.....	36
2.2.1 Estratégias discursivas no contexto político	37
2.2.1.1 Ethos.....	39
2.2.1.2 Pathos	42
2.3. Imaginários sociodiscursivos	44
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DISCURSOS DE POSSE DE JAIR BOLSONARO	47
3.1 Procedimentos metodológicos	47
3.2 Análise do corpus.....	48
3.3 Estratégias discursivas implementadas por Bolsonaro para construção das representações.....	55
3.4 Mobilização dos elementos ethos e pathos nos discursos de posse	58
3.5 Construção das representações para o Brasil, os brasileiros, o governo e o presidente mediante os discursos de posse presidencial em 2019.....	67
3.5.1 Imaginários sociodiscursivos atribuídos ao Brasil	67
3.5.2 Imaginários sociodiscursivos atribuídos aos brasileiros	69
3.5.3 Imaginários sociodiscursivos atribuídos ao governo	70
3.5.4 Imaginários sociodiscursivos atribuídos ao presidente	71

CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
ANEXOS	79

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Distribuição do tempo de campanha entre cada um dos 13 candidatos à Presidência	29
---	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quadro proposto por Charaudeau.....	34
Figura 2 – Diagrama proposto pela pesquisadora que reúne os saberes que formam os imaginários sociodiscursivos	45
Figura 3 – Contrato de comunicação estabelecido no primeiro discurso	51
Figura 4 – Contrato de comunicação estabelecido no segundo discurso	52
Figura 5 – Elementos do contrato de comunicação analisados no discursos de posse	54
Figura 6 – Captura de tela no momento em que Bolsonaro cita a esposa e comenta a conheceu naquele ambiente institucional	59
Figura 7 – Captura de tela do discurso de posse no Congresso Nacional	61
Figura 8 – Captura de tela do momento em que Bolsonaro termina de assinar o termo de posse e as câmeras filmam os congressistas vibrando	62
Figura 9 – Captura de tela do fim do primeiro pronunciamento de Jair Bolsonaro, em que os políticos continuam aglomerados próximos à mesa	63
Figura 10 – Captura de tela durante o pronunciamento no Parlatório em que o público é afetado pelo discurso	65

INTRODUÇÃO

De acordo com a ficha publicada no período eleitoral de 2018 pelo jornal Folha de São Paulo¹, Jair Bolsonaro é capitão reformado do Exército brasileiro e figurou no cenário político, anteriormente a candidatura à presidência, por sete mandatos como deputado federal. Pontua-se que, durante esse período ele tem autoria de 170 projetos com aprovação de dois. “Seus quase 30 anos na Câmara foram pautados pela adoção de um discurso agressivo e radical, incluindo ataques a gays e mulheres, defesa da ditadura militar, de um novo golpe de Estado, assassinato de criminosos, entre outros pontos².” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018, não paginado)

Após manter-se por quase três décadas como parlamentar, Bolsonaro disputou o cargo de presidência, nas eleições de 2018, junto a outros 12 candidatos. O resultado eleitoral foi obtido após o segundo turno — disputado por Fernando Haddad, candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), e Jair Bolsonaro, candidato do Partido Social Liberal (PSL) —, que, conforme divulgação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), teve como resultado 55,13% dos votos válidos para Bolsonaro e 44,87% para Haddad. A sua vitória indica a ascensão de uma onda conservadora no país que tem por objetivo modificar o cenário social, cultural e político brasileiro através da tentativa de manutenção das instituições tidas como tradicionais e da cristalização de costumes e moralidades. Esse movimento conservador coincide com o restante do mundo, haja vista a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e o *Brexit* — abreviatura inglesa dada a saída do Reino Unido da União Europeia.

Conhecido por seu discurso de ódio contra as minorias sociais e favoráveis à tortura, o “mito”, como é chamado por sua legião de apoiadores, chegou ao cargo mais alto do poder executivo conquistando uma grande massa de simpatizantes construindo a imagem nas redes sociais, seu principal instrumento de campanha, de um político moralista, “fora do meio”, cristão, nacionalista, antítese dos ideais marxistas e do politicamente correto, defensor da família tradicional e dos ditos “bons costumes”. (FELIX, 2019, p. 10)

¹ Ficha do candidato Jair Bolsonaro feita pela Folha de São Paulo, em 2018, durante o período de campanha eleitoral. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/2018/presidente/jair-bolsonaro-280000614517.shtml>. Acesso em: 3 abr. 2019.

² Declaração disponível na matéria do *link* anterior.

A vitória de Bolsonaro nas eleições de 2018 aponta para um cenário político de instabilidades desde 2013. Conforme Mira (2017), as manifestações de junho de 2013 e as eleições de 2014, posteriormente as delações da Operação Lava Jato e o impedimento da continuidade do mandato de Dilma Rousseff, fizeram com que a política brasileira fosse midiaticizada³. Assim, “(...) a política brasileira se viu recortada por uma crescente onda de insatisfações e descrenças por parte da população, cujos efeitos foram sentidos na relação estabelecida entre mandantes e mandatários” (MIRA, 2017, p. 15). Ainda, para o pesquisador, sob a ótica de outros autores que permeiam sua dissertação, “a atuação da mídia como ator político e espaço de articulação e construção de sentidos sociais ganha destaque a partir de debates a respeito do funcionamento das democracias e do avanço nos estudos em comunicação, com efeitos na política” (MIRA, 2017, p. 17). Ademais, a internet — vista como um meio alternativo comunicacional — propiciou uma relação que modificou os contextos dos mandatos e ocasionou modificações nas ações políticas.

Tendo em vista este cenário político, verifica-se que a campanha eleitoral de Jair Bolsonaro foi, fundamentalmente, construída pela internet se apropriando das redes sociais. O não aparecimento em debates de televisão e eventos de rua, sob a justificativa de recuperação de um atentado sofrido na cidade de Juiz de Fora (MG), fizeram com que a campanha bolsonarista fosse edificada unilateralmente pelas plataformas digitais, isto é, Bolsonaro foi se direcionando e construindo estratégias para cativar um público específico mediante seus perfis no *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. Com slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, a campanha foi feita a partir de estratégias de ataque antipetismo, disseminação de discursos conservadores e veiculação de notícias falsas (por exemplo, o “kit gay”), sendo assim, sua força foi aumentando e sendo alimentada pela legião de seguidores. Destaca-se que seu crescimento mediante suas declarações em redes sociais é um trabalho articulado anterior à corrida presidencial contando com o apoio de seus filhos — também inseridos no âmbito político brasileiro —, empresa que administra redes pró-Bolsonaro⁴ e espalhada por apoiadores. Essa articulação no meio on-line, juntamente à disseminação de seus

³ Trazendo a afirmação de José Luiz Braga (2009), em entrevista à revista do Instituto Humanitas Unisinos, vivemos em uma sociedade midiaticizada, isto é, existe uma ação das mídias sobre a sociedade. Tal conceito engloba procedimentos que acontecem até quando não se está diante da mídia.

⁴ Esse esquema foi denunciado pelo Estadão em 12 de outubro de 2018. A matéria está disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes/rede-pro-bolsonaro-engaja-mais-do-que-madonna-e-neymar.70002544629>. Acesso em: 3 abr. 2019.

posicionamentos e sem intervenções de debates políticos, culminou em sua ascensão e no resultado da última eleição.

A entrada no cargo de presidente acontece com a posse no primeiro dia do ano do início do mandato. Neste momento, cerimônias marcadas por rituais tradicionais (passagem de faixa presidencial, salva de tiros de canhão, desfiles, reproduções do hino nacional, discurso de posse, entre outros detalhes) ocorrem para simbolizar a entrada do novo governante.

Neste ano transcorreram situações durante a cerimônia que valem uma pontuação. Destacam-se os ataques e as hostilizações aos veículos de comunicação jornalística presentes no local e seus repórteres — como ao Grupo Folha e à TV Globo —, em contrapartida a exaltação positiva das redes sociais por parte dos bolsonaristas com gritos fervorosos ao *WhatsApp* e *Facebook* (FOLHA DE SÃO PAULO; SPOTIFY STUDIOS, 2019). Essa reverberação parece sinalizar o descrédito incentivado pela campanha bolsonarista aos meios de comunicação, a disseminação dos boatos e notícias falsas através dessas redes sociais e os ataques às mídias por parte de Bolsonaro, sua campanha e seus admiradores. Suas ações e seus manifestos foram executados, predominantemente, via *Twitter* e, em transmissões ao vivo, via *Facebook*. Isso permite-nos inferir que grande quantidade de seu eleitorado foi alcançado através dessas estratégias político-midiáticas.

No decorrer do ato de posse, aconteceu o primeiro discurso dentro do Congresso Nacional, voltado aos políticos, de maneira mais institucional. Os tópicos pautados na campanha são trazidos por Bolsonaro exaltando visões ideológicas à direita, concomitantemente criticando ideologias, no caso as de esquerda. Unir o povo, respeitar a família, marcas religiosas e de moralidade, e prezando pela liberdade de amarras ideológicas são alguns pontos tocados por ele que reafirmam a visão ideológica de direita. Além de declarações que suscitam ódio, mentiras e contradições.

Após receber a faixa presidencial de Michel Temer, Bolsonaro discursou para a Praça dos Três Poderes direcionando-se à multidão de apoiadores, apresentando um tom mais raivoso e que atingisse aprovação e concordância de seu eleitorado interessado em sua agenda conservadora. Nesta etapa no parlatório, o segundo discurso é assinalado por tópicos como: libertação do socialismo, inversão de valores e término do politicamente correto. Dessa forma, vale frisar que os discursos realizados indicam o que ele quer instaurar no país mediante uma

nova ordem política e social conservadora. Assim, analisar esses atos implica entender o que está sendo sinalizado para o Brasil e o que já está transcorrendo neste mandato.

O objetivo geral deste trabalho monográfico é identificar e analisar como são construídas as representações para o Brasil, os brasileiros, o governo e o presidente mediante os discursos de posse presidencial em 2019. Especificamente, objetiva-se: (i) analisar as estratégias discursivas implementadas por Bolsonaro para construção das representações acima mencionadas; (ii) identificar como são mobilizados os elementos *ethos* e *pathos* nos discursos de posse.

O objeto deste trabalho é constituído pelos dois discursos de Bolsonaro na cerimônia de posse presidencial de 2019⁵. Frisa-se que ambos os discursos, assim como toda a cerimônia, foram transmitidos, ao vivo, pelos principais veículos de comunicação do país e, posteriormente, noticiados por eles.

Para nossa análise, mobilizamos como aporte teórico-metodológico a análise do discurso (AD) de linha francesa, com base nos preceitos de Charaudeau (2011), Maingueneau (2008) e outros pesquisadores da AD, que nos permite compreender a prática da linguagem, a construção de sentidos, as representações sociais e as estratégias discursivas.

A AD proporciona o entendimento de questões que abrangem a linguagem, os sujeitos e a produção de sentidos (ORLANDI, 2012). Os estudos discursivos possibilitam estudar a língua (e outras linguagens) não apenas como uma estrutura, mas como um acontecimento relacional entre sujeitos e sentidos. Dessa forma, estudar os discursos é analisar um objeto social, histórico e político formado pela linguagem, que permite ao analista compreender o posicionamento dos sujeitos nele implicados.

Tradicionalmente, a análise do discurso (AD), como disciplina, interessa-se por estudar os discursos políticos, considerando-se que não existe política sem discurso, isto é, política e discurso se compõem reciprocamente. Estudar tais discursos indicam que eles “(...) tornam possíveis tanto a emergência de uma racionalidade política quanto a regulação dos fatos políticos” (CHARAUDEAU, 2011, p. 37). Essa perspectiva aponta a importância da pesquisa neste âmbito, visto que, conforme Charaudeau (2011), a linguagem suscita a ação, norteando-a e produzindo sentidos.

⁵ A transcrição dos discursos está disponível na seção Anexo.

A política depende da ação e se inscreve constitutivamente nas relações de influência social, e a linguagem, em virtude do fenômeno de circulação dos discursos, é o que permite que se constituam espaços de discussão, de persuasão e de sedução nos quais se elabora o pensamento e ação políticos. (CHARAUDEAU, 2011, p. 39)

Dessa maneira, nota-se que o discurso político é um ato de comunicação que visa atingir aceitações, recusas e concordâncias e seu estudo proporciona perceber quais são os elementos mobilizados pelo político para tais convencimentos de seus interlocutores.

Isto posto, entende-se que o discurso presidencial tem uma configuração tradicional que se aproxima a uma “fórmula” trazendo marcas como a afetividade, saudações, propostas, menção a problemas, perigos, inimigos, cortesias, agradecimentos, elogios, advertências, manifestações de regozijo, apoio, crenças, valores, proposições e conclamações (BONFIM, 2008). Assim, estudar o discurso presidencial no ato de posse se faz essencial para entender as marcas discursivas e as estratégias utilizadas pelo político.

Justifica-se este trabalho, considerando o contexto brasileiro marcado por uma polarização política ancorada em discursos que sinalizam representações (e ações) de medo, ódio e insegurança. Para os pesquisadores Cioccarri e Persichetti (2018, p. 212), o presidente Bolsonaro “faz apologia às armas, mostra desconhecer a luta dos homossexuais para serem aceitos numa sociedade ainda em transformação e externaliza desrespeito às mulheres”.

Essas informações são comprovadas a partir de matérias veiculadas em diversas mídias, como podemos exemplificar: “Bolsonaro defende porte de armas para todos e fuzil contra MST” publicada pelo Jornal da Paraíba⁶; “Bolsonaro é condenado por dizer que Maria do Rosário 'não merece' estupro”, da Folha de São Paulo⁷; “Sou preconceituoso, com muito orgulho”, da Revista Época⁸; “Bolsonaro: "prefiro filho morto em acidente a um homossexual"” do Portal Terra⁹; entre outras tantas declarações preconceituosas e violentas

⁶ JORNAL DA PARAÍBA. Bolsonaro defende porte de arma para todos e fuzil contra o MST, 2017. Disponível em: <http://www.jornaldaparaiba.com.br/politica/bolsonaro-defende-porte-de-arma-para-todos-e-fuzil-contr-o-mst.html>. Acesso em: 15 maio 2019.

⁷ BERGAMO, Mônica. Bolsonaro é condenado por dizer que Maria do Rosário 'não merece' estupro, 2015. Folha de São Paulo. Folha da manhã. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2015/09/1682452-bolsonaro-e-condenado-por-dizer-que-maria-do-rosario-nao-merece-estupro.shtml>. Acesso em: 15 maio 2019.

⁸ REVISTA ÉPOCA. Jair Bolsonaro: "Sou preconceituoso, com muito orgulho", 2015. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI245890-15223,00.html>. Acesso em: 15 maio 2019.

⁹ PORTAL TERRA. Bolsonaro: "prefiro filho morto em acidente a um homossexual", 2011. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/bolsonaro-quotprefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexualquot.cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>. Acesso em: 15 maio 2019.

ditas por ele. Além disso, atos como extinção dos ministérios do Trabalho¹⁰, Desenvolvimento Social, Cultura, Planejamento, Fazenda, Cidades, Esportes e Indústria e Comércio Exterior (alguns foram extintos no sentido de terem sido agrupados em outras pastas, o que ficou midiaticamente conhecido como superministérios), exclusão da população LGBTQ+ das políticas públicas, cortes de verbas das instituições de ensino superior, entre outros, sinalizam a necessidade desse trabalho¹¹. Ressalta-se que frente a uma sociedade discriminatória, marcada por preconceitos e violência, um governo que legitima tais atos, a partir de declarações de ódio, é preocupante. Podemos evidenciar casos (tendo como exemplo, ameaças e agressões a 141 jornalistas contabilizados pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e noticiada pelo VICE Brasil¹²) que aconteceram recentemente no país após a vitória de Bolsonaro nas eleições.

Até o presente momento, não tivemos acesso a trabalhos acadêmicos que se dedicaram a analisar os discursos de posse do presidente Jair Bolsonaro. Encontramos, contudo, pessoas que se propuseram a analisar e estudar o discurso de posse de mandatos da presidência anteriores, como Bonfim (2008). Também há pesquisas que visaram trabalhar com o objeto de pesquisa Jair Bolsonaro em suas análises e que nos serviu de embasamento. Em nossas buscas pelos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV, localizamos a monografia “Fake news e política: um estudo sobre notícias falsas e imagem pública de Jair Bolsonaro no Facebook” de Sérgio Felix, defendida em abril de 2019, que aproveitamos como referencial. Privilegiamos em nossas buscas anais de congressos da área de comunicação — como Intercom e Compós —, entre o período de 2013 e 2018, mediante utilização de palavras-chave (política; Bolsonaro; eleição; posse; discurso) que nos oportunizou selecionar diversos artigos que são referências lidas nesta pesquisa. Valemo-nos também de artigos científicos publicados, das áreas de Comunicação e Estudos Linguísticos, como aporte teórico para nosso estudo.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro é destinado a discutir e refletir o cenário da política contemporânea e os discursos políticos na atualidade, como

¹⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7146222/>. Acesso em: 16 maio 2019.

¹¹ MORAES Isabela; CHAGAS, Inara; GARCIA, Larissa. Ministérios do Governo Bolsonaro: Saiba o que mudou!, 2019. Politize. Disponível em: <https://www.politize.com.br/ministerios-do-governo-federal-2/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

¹² VICE Brasil. O saldo de violência pelo Brasil após vitória de Jair Bolsonaro, 2018. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/8xjzqk/o-saldo-de-violencia-pelo-brasil-apos-vitoria-de-jair-bolsonaro. Acesso em: 18 maio 2019.

também contextualizar as eleições de 2018, em que Bolsonaro saiu vitorioso. O segundo capítulo apresenta e explica conceitos da Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau que são necessários em nossas análises. Já no terceiro capítulo são realizadas as discussões e análises dos dois discursos de posse presidencial de Jair Bolsonaro.

CAPÍTULO 1 – DISCUSSÕES E CONTEXTUALIZAÇÕES SOBRE A POLÍTICA E O DISCURSO POLÍTICO CONTEMPORÂNEO: REFLEXÕES SOBRE A ELEIÇÃO DE JAIR BOLSONARO

Este capítulo busca discutir sobre a descrença da população no cenário político e uma crescente polarização que divide as pessoas e que está afligindo o Brasil, fazendo com que sua democracia passe por um momento de tensão e instabilidade graves. O impedimento da ex-presidenta Dilma Rousseff de exercer o seu mandato, a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a divulgação de casos de corrupção na política brasileira, a ascensão do conservadorismo, a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais e uma sucessão de complexos acontecimentos no país tornaram o cenário contemporâneo marcado por um descrédito da sociedade nas instituições políticas e uma iminente direção ao autoritarismo. Um país que, após passar por 21 anos de regime ditatorial (1964-1985), restabelece sua democracia com greves e movimentos organizados para pôr fim à ditadura, está vivenciando situações complexas que podem prejudicar seu regime democrático e os direitos conquistados.

Muitos estudiosos abordam que o Brasil, assim como vários países¹³, foi atingido e passa por uma onda conservadora, que ocasiona *a priori* perda das conquistas sociais (ARRETCHE; ARAÚJO, 2017). O conservadorismo¹⁴ brasileiro apresenta elementos perigosos, como, por exemplo, a volta dos militares. “O chamado a uma intervenção militar, o saudosismo da ditadura militar, é sem dúvida o aspecto mais sinistro e perigoso da recente agitação de rua conservadora no Brasil (...)” (LÖWY, 2015, p. 663). Além do mais, desde a década de 1940, os conservadores brasileiros usam “a bandeira do combate à corrupção para justificar o poder das oligarquias tradicionais e, segundo o caso, legitimar golpes militares” (LÖWY, 2015, p. 662).

Soma-se a isto, que setores da classe média e alta brasileira se indignaram com as políticas sociais de inclusão promovidas pelos governos à esquerda, o que “(...) gerou reações regressivas e de distinção social, sobretudo entre as classes médias, como encontrado em

¹³ Destaca-se a ascensão de governos à direita, como as eleições de Donald Trump nos Estados Unidos, e a saída do Reino Unido da União Europeia, como supracitamos na introdução, que indicam a reverberação do conservadorismo por várias nações. Além disso, podemos mencionar o declínio de governo à esquerda e centro-esquerda em países da América Latina (ALMEIDA, 2019).

¹⁴ O conservadorismo caracteriza-se pela tentativa de manter a manutenção de instituições políticas e sociais, por exemplo, família e religião. Também busca preservar costumes e tradições. Este pensamento é contrário às revoluções e mudanças das instituições, tentando mantê-las consolidadas e firmes. Além disso, o conservadorismo é baseado em ideias políticas liberais e embasamento em pensamentos cristãos.

outros países” (ALMEIDA, 2019, p. 186). Podemos exemplificar uma dessas políticas no Brasil com o Bolsa Família¹⁵, implementado no governo Lula, que tirou milhões de pessoas da pobreza e extrema-pobreza¹⁶, por meio de um benefício mensal, mas que para pessoas que a contestam, o benefício serviu apenas de assistencialismo e incentivo para terem mais filhos, algo incoerente, já que pesquisas apontam a importância do mesmo no sustento das famílias assistidas.

O crescimento da onda conservadora é problemática quando ocorrem perdas de garantias e direitos conquistados, como algumas medidas sancionadas no governo Bolsonaro, por exemplo, podemos mencionar a Medida Provisória (MP) assinada por Bolsonaro, no segundo dia de governo, que exclui LGBT+ das diretrizes dos Direitos Humanos, o que evidencia o imediato risco que à população LGBT+, que já é afligida por violência na sociedade heteronormativa brasileira¹⁷. Por este prisma, podemos refletir que o maior problema não é existir partidos e pessoas com posicionamentos de direita, mas sim os extremismos políticos que culminam em perdas e ameaças para toda a sociedade. Dessa maneira, a seguir, veremos que uma sucessão de acontecimentos no campo político eclodiram no resultado da eleição de 2018 e na atual conjuntura brasileira.

1.1 A instabilidade no cenário político contemporâneo do Brasil

É complexo especificar quando iniciaram os momentos de instabilidade política no país, contudo pode-se identificar que o estopim destes eventos ocorreu no ano de 2013 mediante a onda de protestos mobilizados pelo país. Em junho daquele ano, iniciaram diversos protestos nas ruas contra o aumento das tarifas de ônibus em capitais do país, sendo que esse período da história ficou conhecido como Jornadas de Junho. O slogan dos manifestantes “não são só 20 centavos” sinalizava que uma sequência de reivindicações estava emergindo e ganharia magnitude no cenário nacional e internacional. Na perspectiva

¹⁵ A pesquisa completa, que aponta dados sobre os 15 anos do programa, está disponível para consulta em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2499.pdf. Acesso em: 29 ago. 2019.

¹⁶ Conforme a informação divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em agosto de 2019, o Programa Bolsa Família teve como consequência a diminuição de 5% da pobreza e de 25% da extrema pobreza entre os beneficiados. Tais informações estão disponíveis em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34949&catid=10&Itemid=9. Acesso em: 29 ago. 2019.

¹⁷ As informações sobre essa MP está na matéria do *site* O Dia, em 2 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2019/01/5607397-bolsonaro-assina-mp-que-retira-lgbts-das-diretrizes-dos-direitos-humanos.html>. Acesso em: 3 set. 2019.

de Arretche e Araújo (2017), isso teria acordado e desencadeado a onda conservadora no país que traria consigo um turbilhão de manifestações deste caráter. Os pesquisadores, ainda, apontam que junho daquele ano foi “o ponto no tempo em que esta [onda] teria emergido à superfície, tendo, finalmente, ocupado seu espaço nas areias das instituições políticas com o *impeachment* da presidenta Dilma e a agenda de reformas do presidente Temer” (ARRETCHE; ARAÚJO, 2017, p. 15).

Outro capítulo que contribuiu para o crescimento da incredulidade da população no sistema político brasileiro foi a Operação Lava-Jato, investigação que revelou esquemas de corrupção envolvendo a empresa estatal Petrobras, empreiteiras e partidos políticos, que segundo o Ministério Público Federal (MPF), foram desviados bilhões de reais¹⁸. Neste caso, uma figura ganha notoriedade na mídia, o juiz Sérgio Moro, o qual começa a utilizá-la a seu favor e se torna, no ponto de vista de alguns movimentos de pessoas, uma espécie de “herói nacional” nas investigações por estar descobrindo os crimes. É necessário pontuar que ele é o investigador e o juiz da operação, apesar de ter se defendido e desmentido atuar nestes dois papéis¹⁹, e que no decorrer das fases da investigação acusou e condenou Lula, além de atualmente ser nomeado ministro da Justiça do governo Bolsonaro.

Ainda no decorrer deste período, o impedimento da continuidade do mandato presidencial de Dilma Rousseff, em 2016, acontece alimentando ainda mais todo este turbilhão de acontecimentos de ascensão da direita no país e, ainda, aumentando a aversão ao PT, que, pela visão de muitos, representa o sistema de corrupção do país. No ano anterior, ocorreu a abertura do processo de *impeachment* contra Dilma, iniciando esta manobra que culminaria no golpe de agosto de 2016. Com 367 votos pela destituição, a fase de votação do processo de *impeachment* trouxe uma reincidência de frases dos parlamentares como “pela minha família”, “pelo país”, “pelas pessoas de bem”, a invocação de “Deus”, além dos discursos que traziam uma retórica agressiva, intolerante e preconceituosa.

Merece destaque que, durante este turbilhão do golpe, Jair Bolsonaro lança-se como futuro candidato à Presidência na eleição seguinte. Em sua retórica agressiva marcada pela

¹⁸ Informações oficiais sobre a Operação Lava Jato estão disponibilizadas no *site* do Ministério Público Federal (MPF). Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-lava-jato>. Acesso em: 2 set. 2019.

¹⁹ Segundo a matéria veiculada, no dia 3 de abril de 2016, pela Gazeta do Povo, a atuação de Sérgio Moro ganhou críticas por ele estar realizando julgamentos prévios sobre os acusados na Operação Lava Jato e também por comandar o processo de investigação e autorizar interceptações telefônicas e conduções coercitivas, como o ocorrido com o ex-presidente Lula. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/polemica-sobre-o-juiz-investigador-que-envolve-moro-e-alvo-de-projeto-de-lei-33o8vfb7j6pf751aoh6xh6zhf/>. Acesso em: 29 ago. 2019.

impostação imperativa da voz, que retoma o seu período enquanto militar, ele traz em sua fala, na votação do processo de *impeachment*, exaltações a um torturador do regime militar, apelo à família conservadora brasileira e a ideais da direita, transcrito a seguir²⁰: “pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve, contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Folha de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim”. No fim de sua fala, o voto é direcionado diretamente olhando para a câmera de televisão presente no local, o que nos parece uma tentativa de apelo aos telespectadores contrários à presidenta e um jeito de se dirigir sem desvios às pessoas. Além de já trazer o *slogan* que permeará sua futura campanha presidencial “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” no final de sua fala.

Após o afastamento temporário de Dilma, quem assume o governo interinamente, ou seja, provisoriamente, e depois definitivamente como presidente é o seu vice, Michel Temer, em um contexto de crises política e econômica. Durante seu mandato, o governo foi alvo de investigações em escândalos de corrupção²¹, como no caso de corrupção passiva²². Contudo, salienta-se que o governo Temer possuía aliados e muitos representantes de centro e de direita no Congresso durante sua gestão, o que lhe favorecia. Todavia, os índices de rejeição eram altos e sua imagem só piorava diante da população brasileira²³, inclusive com movimentos contra seu governo marcados pela frase: “Fora, Temer”.

Tendo em vista este cenário pós-2013, a política, os políticos e os partidos perderam credibilidade, o que ocasionou descrença nos eleitores, que buscaram outras alternativas para dar seus votos. As pessoas, que já estavam cansadas e desconfiadas da atividade política, desejavam ter um país livre dos eventos de corrupção e das problemáticas que afligem o cotidiano brasileiro, por isso, apostaram em outras alternativas de perfil de candidatos. É

²⁰ Momento do voto do deputado Jair Bolsonaro, disponível em: <http://g1.globo.com/politica/videos/v/votacao-do-impeachment-veja-como-foi-o-voto-de-jair-bolsonaro/5125877/>. Acesso em: 2 set. 2019.

²¹ Matéria sobre a investigação de Michel Temer durante seu mandato como presidente, disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/politica/1498485882_380890.html. Acesso em: 2 set. 2019

²² Michel Temer é denunciado por corrupção passiva. Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/janot-apresenta-ao-supremo-denuncia-contra-temer-por-corrupcao.ghtml>. Acesso em: 2 set. 2019.

²³ Independentemente do perfil político, os usuários das redes sociais *Facebook* e *Twitter* rejeitam com grande força Michel Temer, sendo 89% da manifestações contrárias a ele. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mercados/politica/noticia/6199079/rejeicao-temer-chega-nas-redes-sociais-super-a-pior-marca-dilma>. Acesso em: 2 set. 2019.

importante pontuar que a desconfiança dos cidadãos sempre pairou pela atividade política. Além do mais, eventualmente, esse cenário é marcado por crimes e escândalos que o torna sinônimo de aversão pública. Agora, “aprofundou o descrédito dos políticos e da política (à esquerda, ao centro e à direita) a ponto de gerar em parte da população nas duas últimas eleições o desejo por opções vindas de fora do sistema político ou, de maneira mais radical, contrárias a ele” (ALMEIDA, 2019, p.188).

Logo, surge um fenômeno neste campo que nos chama a atenção por sua dualidade. De um lado, figuras públicas das mídias que já eram famosas por outros fatores embrenham-se na política como candidatos a cargos públicos. Podemos exemplificar esta situação com casos como o cantor Frank Aguiar, ex-jogador de futebol Romário, humorista Tiririca, cirurgião plástico Robert Rey (Dr. Rey), entre tantas outras personalidades midiáticas que entraram na carreira política. Elas ganham adeptos e votos por não possuírem um passado político, o que as afastaria do cenário de corrupção supracitado. Cantores, humoristas, esportistas são algumas das figuras midiáticas que estreiam suas candidaturas a cargos públicos. Por outro lado, políticos que se apresentam como salvadores da população, sendo eles capazes de resolver todas essas mazelas sociais, se tornam uma opção do eleitorado brasileiro. Estes se apresentam como uma possibilidade para o eleitorado. Casos como João Doria que se lançou nomeando-se como um gestor e não um político na época da campanha para a Prefeitura de São Paulo, em 2016; Alexandre Kalil, atual prefeito de Belo Horizonte, era empresário e presidente do clube Atlético Mineiro; o registro do Partido Novo, que emerge no período eleitoral de 2018 lançando candidatos, exemplificam este cenário. Mais ainda, esta situação de político mais radical aponta para Jair Messias Bolsonaro, uma figura que atuou durante 27 anos como deputado federal tendo apenas dois projetos aprovados durante todo este tempo, sendo um que expandia o benefício de isenção do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) para produtos de informática e outro que autorizava o uso da fosfoetanolamina sintética, conhecida como pílula do câncer²⁴.

Conforme apontamos anteriormente, o campo político foi minado por escândalos e casos que colocaram em xeque sua estabilidade, credibilidade e legitimidade. A soma desses

²⁴ Bolsonaro propôs projetos de lei, de lei complementar, de decreto de legislativo e propostas de emenda à Constituição (PECs), contudo apenas dois foram aprovados, conforme aponta a matéria do Estadão, de 23 de julho de 2017, disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral.bolsonaro-aprova-dois-projetos-em-26-anos-de-congresso.70001900653>. Acesso em: 2 set. 2019.

bombardeamentos de acontecimentos culminou na explosão da vitória de Jair Bolsonaro na eleição presidencial de 2018.

1.2 Modificações de estratégias das campanhas eleitorais e a midiaticização da política

Em meio a este contexto, instrumentos que favorecem a difusão e recepção de mensagens das campanhas políticas para o eleitorado são utilizados pelos candidatos e seus partidos como estratégias atrativas de captação dos eleitores. Uma delas são os chamados *jingles*²⁵, músicas usadas como *marketing*²⁶ das campanhas eleitorais desde o tempo áureo do rádio. Compostos por arranjos vindos de gêneros musicais populares e pequenos trechos de frases, neles elementos mnemônicos são lançados com vistas a familiarizar as pessoas com determinado candidato, sua campanha e, fundamentalmente, seu número para voto. No Brasil, os jingles marcaram períodos eleitorais, como exemplo o trecho “varre, varre, varre, vassourinha”, famoso na eleição de 1960, com o candidato Jânio Quadros. Contudo, esse elemento sonoro, aderente, reverberado por radiodifusão e capaz de chegar a diversas localidades territoriais, não é garantia de sucesso e nem de vitória eleitoral, assim como as demais estratégias adotadas. No decorrer das décadas, outras formas dos políticos candidatos a cargos públicos se apresentarem para a população foram sendo criadas a partir dos usos e características dos meios de comunicação.

Conforme Bertani (2006, p. 105-106), “(...) a propaganda política teve no rádio seu primeiro veículo massivo” e isso nos mostra uma herança ao analisarmos a construção das campanhas políticas que buscam atingir o eleitorado. Com a televisão e sua característica de transmissão audiovisual, outros métodos são lançados nas eleições, como uma produção de conteúdos mais elaborados tecnicamente, utilização de elementos icônicos para compor o ambiente cênico e as declarações, imagens externas ao estúdio de gravação mostrando a população ou situações específicas, por exemplo, com o objetivo de captar a atenção dos

²⁵ Conforme o Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa (2009, p. 407), *jingle* é um termo inglês que significa “composição musical e vocal com que se veicula um produto comercial ou industrial, em rádio e televisão”.

²⁶ Entendemos aqui como *marketing*, segundo Kotler (2000, p. 25), “(...) a tarefa de criar, promover e fornecer bens e serviços a clientes, sejam estas pessoas físicas ou jurídicas. Na verdade, os profissionais de *marketing* envolvem-se no *marketing* de bens, serviços, experiências, eventos, pessoas, lugares, propriedades, organizações, informações e idéias”. No caso político, vemos que os atores deste meio utilizam de estratégias político-midiáticas pertencentes a este campo de estudo para lançarem suas campanhas, propostas e planos governamentais.

telespectadores. É necessário sinalizar que dentro da programação das emissoras de rádio e televisão abertas no Brasil é garantido por lei a veiculação do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE), que consiste na transmissão dos programas eleitorais dos candidatos.

A partir de 1982, a legislação liberalizou o uso da propaganda na televisão que, embora venha sofrendo modificações a cada pleito por legislações específicas, um conjunto de regras tem se mantido constante: o tempo para a propaganda política é concedido aos partidos políticos, em blocos situados à parte da programação normal (Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral/HGPE), tendo em vista regras que relacionam a quantidade de tempo de que dispõe cada partido à dimensão das suas bancadas parlamentares em âmbito federal, estadual ou municipal. (BERTANI, 2006, p. 107)

A regra da dinâmica distributiva de tempo (duração do programa dentro do HGPE e número de inserções nas programações, que trataremos como *spots*²⁷) é conforme o tamanho da bancada eleita para a Câmara dos Deputados na eleição anterior. Frisa-se que, o *spot*, introduzido em 1996 nos veículos de comunicação, é uma maneira dos candidatos captarem atenção dos públicos durante vários horários do dia, já que essas peças são distribuídas e introduzidas pelos intervalos comerciais das emissoras durante as suas programações. “O spot tornou-se uma estratégia para atingir o maior número de eleitores no menor espaço de tempo possível” (BERTANI, 2006, p. 108). Ademais, o fato de possuírem apenas 30 segundos de duração, na maioria das vezes, faz com que a chance de as pessoas ouvirem e assistirem seja maior do que um programa político de mais tempo de duração como ocorre no HGPE. Ainda no ponto de vista da pesquisadora, esse tipo de produto atinge uma maior audiência, menor resistência de aceitação das pessoas e, ainda, tem sido tolerado pelo ouvinte do rádio e telespectador da televisão por estes saberem que o intervalo vai terminar rapidamente e o programa que estavam acompanhando voltará.

Contudo, tendo em vista o descrédito que a política enfrenta no país após os acontecimentos mencionados anteriormente, ocorreram reduções nos tempos de veiculação das campanhas políticas eleitorais. Comprova-se isso com a diminuição do tempo disponível oficialmente para campanha e a redução do horário eleitoral no rádio e na televisão, em 2018, após modificações na legislação eleitoral em 2015 e 2017. Além de mais curto o período, nas eleições de 2018, o valor das campanhas foi menor visto a proibição do financiamento de empresas. Em comparação com a eleição precedente, o HGPE perdeu 10 dias, sendo agora 35

²⁷ O termo inglês *spot* significa um “(...) filme publicitário de curta duração”. (AMORA, 2009, p. 692)

dias oficiais; e de 90 dias de campanha passam a ser 45 dias²⁸. Mesmo com essa redução, as alterações no total (somatório de HGPE e inserções) não indicam grandes diferenças, exceto o aumento vertiginoso nas inserções de *spots*.

À vista das informações supracitadas, vê-se que novas táticas para conquistar votos surgiram. Com a era digital e a intensificação do uso das redes sociais no cotidiano, os atores políticos partem para este campo durante suas campanhas e mandatos, modificando a propaganda política e trazendo mais maneiras de contatar os públicos eleitores, horizontalizando as discussões e suscitando, ao menos potencialmente, novos debates na sociedade.

Cabe ressaltar que “a sociedade contemporânea está permeada pela mídia de tal maneira que ela não pode mais ser considerada como algo separado das instituições culturais e sociais” (HJARVARD, 2012, p. 54). Portanto, não se pode considerar que a mídia é algo isolado e que não exerce influência sobre os processos sociais contemporâneos. Para Sodré (2008),

a sociedade contemporânea (dita “pós-industrial”) rege-se pela midiaticização, quer dizer, pela tendência à virtualização das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunicação. (SODRÉ, 2008, p. 20)

Logo, vê-se que a sociedade midiaticizada é um processo no qual a dependência e submissão à mídia e a sua lógica está crescente. Consequentemente, os meios de comunicação, sejam os mais tradicionais ou mais atuais — como as mídias sociais —, influenciam a atividade política. Não apenas nos períodos eleitorais, a política é midiaticizada e seu ápice foi com a cobertura do caso do impedimento do mandato de Dilma Rousseff, transmitido ao vivo pela televisão, e da visibilização que os esquemas de corrupção ganham no cenário midiático brasileiro. Trazendo a compreensão de Hjarvard (2012), à luz de sociólogos como o pesquisador Kent Asp, a midiaticização se relaciona com a esfera política, sendo que os políticos discursam publicamente temáticas que sejam de interesse dos meios de comunicação para que suas declarações tenham um efeito mais abrangente, o que indica uma

²⁸ A legislação eleitoral praticada na eleição de 2018 sofreu alterações, o que indica que mudanças políticas e midiáticas usadas pelos políticos passaram a ser adotadas, uma vez que o tempo para duração da campanha foi reduzido. Conforme reportagem veiculada na Veja, em 3 de agosto de 2018, disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/a-eleicao-de-2018-nao-sera-como-a-de-2014-saiba-o-que-mudou/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

dependência da política aos meios comunicacionais, a qual tornou-se configurada por estes e adaptou-se ao arranjo midiático. As antigas formas empregadas nas campanhas, como os comícios, viagens e visitas foram adaptadas para se comunicar com o eleitorado, uma vez que profissionais do marketing são contratados para editar e preparar as mensagens do candidato (MIRA, 2017).

1.3 Ascensão das redes sociais, robôs, estratégia de campanha e vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais

No ambiente virtual, sobretudo com a ascensão das redes sociais como meios de interação entre as pessoas, as mobilizações políticas começaram a crescer e serem pautadas cotidianamente nesses espaços. Vale retomar que a convocação para as ruas também ocorreu virtualmente através das redes sociais, sendo que “(...) os que se mobilizaram para ir às ruas utilizaram com regularidade as redes digitais como plataforma de expressão, informação e discussão política por meio de opiniões e compartilhamentos” (ALMEIDA, 2019, p. 189). Contudo, é necessário apontar que as configurações das redes sociais e de seus usuários fazem com que a adesão aos movimentos seja fragmentada, uma vez que “(...) a não copresença, a construção de uma face virtual, a pouca oralidade, os limites da escrita digital, enfim, a mediação tecnológica (...)” (ALMEIDA, 2019, p. 189) caracterizam o menor engajamento e efeitos. Ainda na perspectiva de Ronaldo de Almeida, ele exemplifica com os casos de militantes virtuais, usuários das mídias sociais que continuam atrás de suas telas se manifestando em determinadas situações políticas, porém não saem dali para movimentos presenciais. Mesmo possuindo uma menor adesão, as redes sociais tornaram-se um fórum importante para o debate público e, eminentemente, para convocações para atos públicos.

É fundamental dizer, ainda assim, que as redes sociais constituem um espaço no qual seus usuários têm a possibilidade de exporem pontos de vista diversos sobre diferentes assuntos. A facilidade na sua utilização, a alternativa comunicacional para visibilização de causas e movimentos, que não são pautados pela grande mídia comercial, tornam as redes sociais espaços de compartilhamento e interações. Porém, é necessário atentar-se aos riscos que estes meios possuem, os quais abordaremos ao longo deste subcapítulo.

À vista desta explanação, percebe-se que as eleições de 2018 ocuparam os espaços de discussões nas redes sociais, principalmente, o contato direto dos candidatos com seus

possíveis eleitores. O candidato à presidência, na época, Jair Bolsonaro foi um dos que se valeram de tais plataformas para construir sua campanha política. Em cada rede, artifícios eram utilizados para atrair seu público-alvo, construir sua imagem e servir de canal direto de comunicação, uma vez que ele não compareceu aos debates presidenciais promovidos pelas emissoras de televisão.

No *Facebook*, o recurso de *lives*²⁹ possibilita aos usuários conectarem-se às pessoas de seu maior interesse, e no caso, Bolsonaro usou dessa estratégia para atingir seu eleitorado, consolidado através das redes sociais, e para conseguir mais tempo de contato com o público, uma vez que seu tempo de campanha no HGPE era inexpressivo, algo que detalharemos posteriormente. Além de utilizar as transmissões ao vivo, durante as suas realizações, o presidencial usava aquele espaço para atacar e criticar seus opositores e, fundamentalmente, o Partido dos Trabalhadores (PT), conforme aponta a publicação do jornalista Cadu Caldas, no *site* GaúchaZH, em 28 de outubro de 2019, “as mais de duas horas no ar foram usadas para atacar o Partido dos Trabalhadores e lançar suspeitas sobre a credibilidade das urnas eletrônicas. Acenos para ações em um futuro governo foram esparsos e vagos”³⁰. Além disso, o *site* quantificou o tempo dedicado por Bolsonaro aos assuntos pautados e concluíram através dessa mensuração que 82% do tempo dos sete *lives* (entre 7 e 27 de outubro – período entre primeiro e segundo turno eleitoral) foram gastados com ataques ao programa político do PT, ao candidato Fernando Haddad, do mesmo partido, e para esclarecimento de supostas notícias falsas. “Na verdade, o instrumento tecnológico foi usado preferencialmente para deslegitimar adversários, aumentando-lhes a rejeição” (ALMEIDA, 2019, p. 190), isto é, valeu-se do espaço para ataques do que para expor os planos e projetos de seu governo. Além disso, Bolsonaro usou o *Twitter* para construir sua campanha por *tweets*, dos quais sinalizava suas posturas e atitudes partindo da mesma estratégia de ataque aos adversários políticos e partidários.

Almeida (2019) evidencia outra rede social que foi utilizada na articulação eleitoral e na disseminação de *fake news*, *memes*³¹ e informações, o *WhatsApp*. O potencial desta

²⁹ As informações divulgadas pela rede social *Facebook* sobre as transmissões ao vivo (*Live*) estão disponíveis em: <https://www.facebook.com/facebookmedia/solutions/facebook-live>. Acesso em: 31 ago. 2019.

³⁰ Texto publicado em 28 de outubro de 2018, disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2018/10/o-que-os-lives-de-bolsonaro-nas-redes-sociais-dizem-sobre-o-discurso-do-presidente-eleito-cjntlp8ci099901rxyrq78143.html>. Acesso em: 31 ago. 2019.

³¹ Pode-se entender que *meme* é uma informação difundida pela internet de formas variadas, sendo vídeos, imagens, áudios, entre outras, fundamentalmente através das redes sociais. Por estar sendo veiculado nestes meios *on-line*, ganham ampla propagação, atingindo uma amplitude de pessoas. Assim, “o objetivo dessa

plataforma é incomensurável, uma vez que proporciona aos usuários circularem mensagem entre seus contatos e grupos fechados, além do encaminhamento de conteúdos instantaneamente.

As *fake news* são notícias falsas que trazem informações que não condizem com a realidade dos fatos, sendo mentirosas, distorcendo ou inventando acontecimentos, ou seja, esse fenômeno de desinformação “se popularizou como rótulo de informações deliberadamente inverídicas que mimetizam notícias de forte viés sensacionalista e são distribuídas nas redes sociais para que sejam rapidamente disseminadas” (FÉLIX, 2019, p. 9). Pontua-se, ainda, que o jornalismo, já consolidado nos veículos de comunicação, foi desacreditado por uma parte das pessoas devido a ascensão de (des)informações através de redes sociais de compartilhamento de mensagens, como o *WhatsApp*, e sua reverberação de *fake news*, fato efervescente nas eleições de 2018. Dessa forma, canais de comunicação, até então respeitados e que possuíam credibilidade diante dos públicos, passam a ser vítimas da articulação de movimentos nas redes sociais, sobretudo, tornando suas informações veiculadas desacreditadas e sinônimos de desconfiança e suspeita, colocando o trabalho de jornalistas em xeque com esta proliferação de mentiras. Esta conjuntura aponta para o perigo crescente a partir da disseminação de informações e mentiras por mídias sociais, que passam a ser sinônimos de credibilidade e aceitas sem desconfiança pelos internautas, que não buscam por fontes confiáveis e nem pela checagem dos fatos.

Soma-se a isto que o alastramento de *fake news* se deve ao crescimento de perfis automatizados, chamados de robôs, que possibilitam a amplificação das notícias falsas pelas redes sociais alterando o cenário político. Essas interferências ilegítimas ocasionam interferências no debate público forjando situações para beneficiar determinados candidatos.

Nas discussões políticas, os robôs têm sido usados por todo o espectro partidário não apenas para conquistar seguidores, mas também para conduzir ataques a opositores e forjar discussões artificiais. Eles manipulam debates, criam e disseminam notícias falsas e influenciam a opinião pública postando e replicando mensagens em larga escala. Comumente, por exemplo, eles promovem hashtags que ganham destaque com a massificação de postagens automatizadas de forma a sufocar algum debate espontâneo sobre algum tema. (RUEDIGER *et al.*, 2017, p. 6)

transmissão é a identificação com esses fatos ou, então, satirizar algum fato ou ideia.” (CANDIDO; GOMES, 2015, p. 1295)

Assim, constata-se que esses perfis robotizados são riscos para a democracia, visto que propõem criar um debate mentiroso que se torna aderido pelos usuários daquela rede, contribuindo para o crescimento de determinadas temáticas que favorecem um candidato específico e influenciam a opinião pública. Além do mais, estes robôs criam campanhas de poluição da rede e compartilham *links* - endereços virtuais - que roubam dados e informações pessoais dos usuários. (RUEDIGER *et al.*, 2017) Portanto, em meio a este contexto marcado por circulação de falsidades, candidatos que souberam usufruir disso dispararam nas eleições em menções e ganharam uma legião de seguidores (reais e falsos).

Neste cenário contaminado por mentiras, o capitão reformado de extrema-direita Jair Messias Bolsonaro (Partido Social Liberal/PSL) soube como nenhum outro candidato se beneficiar dos atuais mecanismos que atravessam a política e saiu vitorioso, sendo então o primeiro militar eleito à Presidência da República desde a redemocratização do Brasil. (FÉLIX, 2019, p. 10)

Jair Messias Bolsonaro se colocou enquanto candidato à presidente, como salvador, um messias igual indica seu sobrenome, dos problemas do país. Trazendo discursos de combate à corrupção, armamentista — apontado por ele como a solução para a violência no Brasil —, ataques aos governos vigentes anteriormente como causadores dos transtornos do país, ofensas machistas, misóginas, homofóbicas e carregadas de ódio, e, dessa maneira, ele eclode no cenário nacional com falas agressivas e polêmicas, ganha torcida que o chama de “mito”, mesmo não possuindo grande notoriedade como a que alcançou no período eleitoral.

Alguns dados são necessários para analisar a emergência repentina de Bolsonaro no cenário nacional. Primeiro, pontua-se o número de seguidores em suas redes sociais, sendo considerado o quarto líder político mundial com mais seguidores no somatório das redes sociais (*Facebook, Instagram, Twitter e YouTube*), sendo um total de 27,1 milhões, conforme traz a análise da empresa BITES, que mapeia informações do cenário digital e fez um estudos sobre 12 líderes nos 100 primeiros dias de governo Bolsonaro. Outro ponto interessante do estudo é que Bolsonaro, apesar de possuir menos seguidores que Donald Trump, apresenta quase o dobro de interações nestas redes. Ademais, assinala-se que o cenário eleitoral de Bolsonaro aponta para falta de apoio político e estrutura partidária, como também pouco tempo de propaganda, como explanaremos a seguir. Tendo em vista isso, Bolsonaro aproveita-se das redes sociais.

Mediante a divisão de tempo para cada candidato de propaganda política, seguindo o esquema distributivo de tempo para cada coligação, Bolsonaro dispunha de um breve tempo para se apresentar, de acordo com o quadro abaixo³²³³.

Quadro 1 - Distribuição do tempo de campanha entre cada um dos 13 candidatos à Presidência

Coligação	Candidato	Tempo por bloco	Quantidade de inserções de 30 segundos cada ao longo do período
Podemos, PSC, PTC, PRP	Alvaro Dias	40 segundos	52
Patriota	Cabo Daciolo	8 segundos	11
PDT, Avante	Ciro Gomes	38 segundos	50
DC	Eymael	8 segundos	11
PSDB, PRB, PP, PTB, PR, PPS, DEM, PSD, SDD	Geraldo Alckmin	5 minutos e 32 segundos	434
Psol, PCB	Guilherme Boulos	13 segundos	17
MDB, PHS	Henrique Meirelles	1 minuto e 55 segundos	151
PSL, PRTB	Jair Bolsonaro	8 segundos	11
Novo	João Amoêdo	5 segundos	7
PPL	João Goulart Filho	5 segundos	7
PT, PCdoB, Pros	Lula ³⁴	2 minutos e 23 segundos	188
Rede, PV	Marina Silva	21 segundos	28

³² O Tribunal Superior Eleitoral dividiu o tempo de propaganda no rádio e na TV para cada candidato à Presidência. Na televisão, a divisão foi em dois blocos diários com 12 minutos e 30 segundos cada. Informação disponibilizada em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/08/23/tse-apresenta-previsao-do-tempo-de-propaganda-no-radio-e-na-tv-para-cada-candidato-a-presidencia.ghtml>. Acesso em: 3 set. 2019.

³³ As informações sobre a propaganda eleitoral e o horário gratuito estão na Resolução TSE nº 23.551/2017. Disponível em:

<http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/resolucao-plano-de-midia-eleicoes-presidenciais-2018>. Acesso em: 23 ago. 2019.

³⁴ Na época de divulgação destes tempos, Lula ainda não havia sofrido a impugnação da candidatura.

PSTU	Vera Lúcia	5 segundos	7
------	------------	------------	---

Fonte: G1, 2018

Portanto, tendo em vista os tempos apresentados, verifica-se que o Bolsonaro estava entre os candidatos com menos tempo de participação em rádio e televisão, o que indica a utilização de outros meios para divulgação de sua campanha presidencial, sendo o principal espaço para isto as redes sociais. Procópio (2018, p. 760) propõe que “o uso das mídias sociais (...) por personalidades políticas sinalizam uma importante estratégia de tais agentes no que se refere à tomada de posições, à projeção de imagens e à constante visibilidade”. Dessa forma, ao analisar o cenário político contemporâneo, nota-se que os candidatos políticos as utilizam como forma de alcançar notoriedade e visibilidade em suas campanhas. Visando alcançar seu possível eleitorado e ter o seu engajamento, ali são traçadas estratégias que atinjam seu público-alvo mostrando suas propostas, construam sua imagem política e exponham seus anseios ao adentrar no cargo almejado, algo realizado fortemente por Bolsonaro.

CAPÍTULO 2 – CONCEITOS DA TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA UTILIZADOS NA ANÁLISE DOS DISCURSOS POLÍTICOS

Os pronunciamentos de posses são discursos políticos marcados por elementos persuasivos, de convencimento e de sedução, propostos pelo ator político, com a finalidade de influenciar outras pessoas. Tais discursos não podem ser compreendidos “ao pé da letra”, isto é, literalmente, visto que o campo político é marcado por um jogo de máscaras, conforme propõe Charaudeau (2011). No modelo conceitual do pesquisador, todos os discursos, independente de sua natureza, não podem ser compreendidos *ipsis litteris*. Ainda nas suas proposições, nesse jogo de palavras que remete ao teatro, a metáfora de máscaras não deve ser vista como algo negativo, já que somos atores sociais e valemo-nos de máscaras sociais e encenações por estarmos em um ato de linguagem. Por este motivo, compreende-se que esse jogo da comunicação humana é um teatro, em que os envolvidos encenam, isto é,

uma vasta cena na qual seres humanos representam, por meio de seus atos de linguagem, espetáculos relacionais diversos dos quais alguns papéis estão previstos e outros são improvisados. Mas em um teatro as representações são diversificadas, cada peça é objeto de uma encenação particular e, dentre elas, está a cena política, na qual se representam relações de poder segundo os lugares, os papéis e os textos previstos por essa dramaturgia e segundo a relativa margem de manobra de que dispõe os atores. (CHARAUDEAU, 2011, p. 52-53)

Assim, não devemos ter inocência e sermos ingênuos ao analisarmos discursos políticos e devemos compreender as marcas deixadas explícitas e implicitamente nos enunciados. Neste capítulo, abordaremos alguns conceitos que são primordiais na construção teórica desta monografia com vistas a responder nossa pergunta de pesquisa e fundamentar nossas análises no capítulo posterior.

Proposta por Patrick Charaudeau, a teoria denominada *Semiolinguística* é compósita abarcando conceitos advindos das disciplinas de Ciências Humanas e Sociais, mas mantendo sua base na Linguística. De acordo com Dylia Lysardo-Dias (2010), a teoria charaudiana tem como ponto central a atividade da linguagem como uma visão sociocomunicativa notada como uma aventura e expedição marcada por encenações, restrições e manobras. “Dessa maneira, o modelo de análise da Teoria Semiolinguística coloca em evidência o jogo

interlocutivo e relacional que se estabelece entre sujeitos comunicantes inscritos em um universo coletivo de práticas, saberes e convenções (...)” (LYSARDO-DIAS, 2010, p. 163).

O ato de linguagem apresenta especificidades de acordo com os objetivos comunicacionais dos sujeitos em suas interlocuções (intencionalidades), considerando-se o tempo e o espaço em que ocorreram, o que chamamos de situação (CHARAUDEAU, 2005). Para Lysardo-Dias (2010, p. 164), baseada em Charaudeau, a encenação, ou o que ele chama de *mise en scène*, é um “um jogo interlocutivo que envolve modos de atuação em função de uma demanda situacional e das circunstâncias históricas específicas”, não sendo possível comandar e preestabelecer as impressões de recepção e os sentidos emergidos do ato de linguagem. Logo, para ele, esse ato é uma aventura, por ter uma intencionalidade de alcançar o outro, mas sem certeza de que isso ocorra conforme se determinou, já que os efeitos de sentidos não são dominados e não há como saber o que se espera. Machado (2016) propõe que comunicar é algo perigoso e é uma aventura porque ao “(...) tentar estabelecer uma comunicação, podemos não ser bem sucedidos e mesmo incompreendidos por nosso interlocutor” (MACHADO, 2016, p. 25). A instância de produção e a instância de recepção podem ou não ter seus sentidos correspondidos, uma vez que entre elas há um percurso.

2.1 Contrato comunicacional e seus elementos

Tratada como um palco por Charaudeau (2013), a situação de comunicação compreende um espaço de encenações, com suas manobras e restrições temporais e espaciais estabelecidas pelos ajustes das práticas sociais, fazendo normas em que os sujeitos envolvidos nas trocas languageiras devem obedecer em dadas circunstâncias para que a comunicação seja possível. “Por um jogo de regulação das práticas sociais, instauradas pelos indivíduos que tentam viver em comunidade e pelos discursos de representação, produzidos para justificar essas mesmas práticas a fim de valorizá-las” (CHARAUDEAU, 2013, p. 67) são definidas as restrições e normatizações.

À vista disso, observa-se que existe um acordo no qual são reconhecidas as condições para que a situação de comunicação se estabeleça, isto é, um contrato de comunicação, o qual conjuga elementos linguístico e extralinguístico e é entendido quando os sujeitos-comunicantes unem-se em um ato de linguagem (MACHADO, 2016). Esse conceito de contrato permeia nossas vidas em sociedade, sendo que ele pode ou não ser cumprido.

No contrato de comunicação existem quatro princípios, que são circunstâncias que permitem o reconhecimento do ato de comunicação, sendo: interação, pertinência, influência e regulação, os quais, de acordo com Mello (2003) comandam o contrato comunicacional. Logo, a interação é o princípio que determina “o ato de linguagem como um fenômeno de troca entre parceiros que se encontram em uma relação interativa, não-simétrica (...)” (MELLO, 2003, p. 79). A pertinência diz respeito ao reconhecimento mútuo entre os parceiros conferindo-lhes oportunidade e privilégios à palavra. Já quando falamos da influência, pensa-se no momento em que “a motivação da intencionalidade do sujeito falante se inscreva numa finalidade acional que leva os parceiros da comunicação a satisfazer o princípio do controle das expectativas” (MELLO, 2003, p. 50). E, por fim, a regulação é relativa a circunstância para que possa acontecer a troca comunicativa entre os parceiros.

No contrato é necessário observar os seguintes elementos que caracterizam as trocas languageiras:

- a) identidade dos parceiros — identificar quem são os sujeitos inseridos no contrato;
- b) finalidade da troca comunicativa — motivações/objetivos que encaminham o ato de linguagem;
- c) propósito — as temáticas envolvidas;
- d) dispositivo — onde está acontecendo este ato. São as quatro categorias que nos devemos atentar.

Destarte, alguns questionamentos devem ser apresentados a fim de que as categorias anteriores sejam identificadas, conforme traz Charaudeau (2013, p. 69-70): “Quem troca com quem?”, “Estamos aqui para dizer o quê?”, “E por quê?”, “Do que se trata?” e “Em que ambiente se inscreve o ato de comunicação, que lugares físicos são ocupados pelos parceiros, que canal de transmissão é utilizado?”.

2.1.1 Sujeitos do discurso

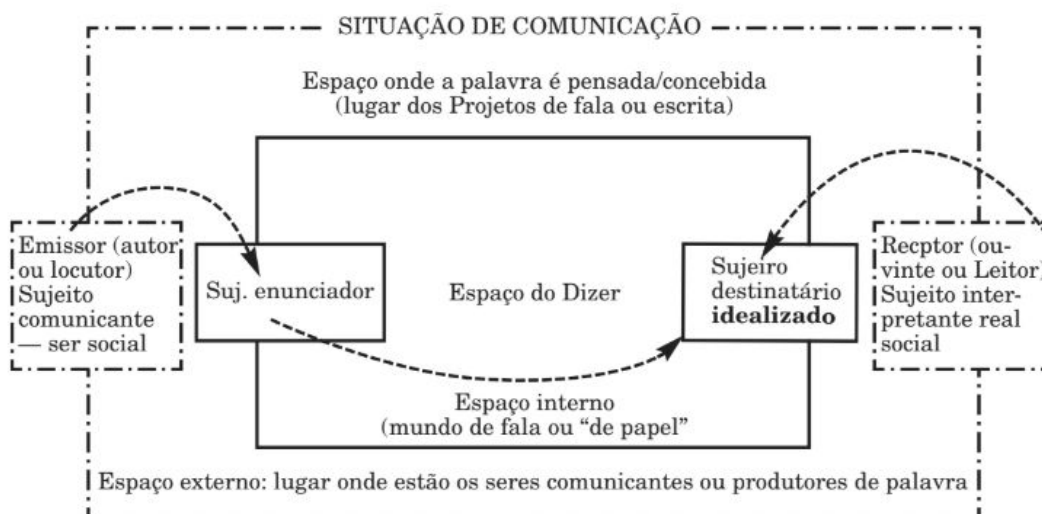
O quadro enunciativo de Charaudeau explicita o ato de linguagem e as interações dos sujeitos. Partindo dos estudos de Machado (2016) e Lysardo-Dias (2010), nota-se que, distribuídos nos espaços interno e externo, quatro sujeitos participam do ato de linguagem, dispostos dois no externo (instância discursiva) - sujeito-comunicante (EUC) e sujeito-interpretante (TUi) -, sendo que o EUC direciona-se ao TUi, ambos “(...) atores sociais,

parceiros/interlocutores que se situam em um espaço real, onde pensam, imaginam e concebem como vão se exprimir” (MACHADO, 2016, p. 39); no interior desse ato, espaço interno ou instância discursiva (espaço do dizer), participam os outros dois - sujeito-enunciador (EUE) e sujeito-destinatário (TUD).

Para produzir um ato de linguagem, o sujeito-comunicante organiza/transforma/transpõe (por meio de um scriptor) seu mundo em mundo de palavras: ele “delega” a palavra (falada ou escrita) a um Sujeito-enunciador que, por sua vez, se dirige a um receptor idealizado, aqui chamado de sujeito destinatário. Tal receptor-idealizado é apenas uma projeção do que pode vir a ser o sujeito-interpretante verdadeiro, é uma imagem ou uma expectativa deste (mais ou menos conforme, mais ou menos próxima. Ou não). (MACHADO, 2016, p. 39)

Entende-se que o jogo comunicativo apontado por esse quadro interacional sinaliza que seu comando não está sob controle do EU, haja vista que o TU pode não compreender, contrariar ou desconsiderar a mensagem. Logo, o ato de linguagem não é tido como unidirecional e nem marcado por emissores e receptores, mas de uma multifacetada relação entre sujeitos, que para fazer acontecer uma intencionalidade de comunicação acionam diferentes mecanismos (LYSARDO-DIAS, 2010). Haja vista a explanação, a seguir, reproduziremos uma cópia do quadro enunciativo proposto por Charaudeau:

FIGURA 1 – Quadro proposto por Charaudeau



Fonte: Machado (2016, p. 38)

2.2 Discurso político e discurso de posse

Nota-se que, no princípio da AD³⁵, na França, seus estudos se debruçavam no discurso político. No entanto, as questões pertinentes a esse tipo de discurso não se esgotam e são estudadas até hoje. Conforme apontamos, os discursos são jogos em que as palavras devem ser apreendidas pelo que elas querem dizer e pelo não dito, sendo atravessado por um meandro de estratégias discursivas.

Assim, associando essa premissa ao discurso político, nota-se que é necessário se atentar também aos lugares de fabricação desse discurso, já que um enunciado pode ter um sentido político em determinado contexto devido a interação e “não é, portanto, o discurso que é político, mas a situação de comunicação que assim o torna” (CHARAUDEAU, 2011, p. 40). Ainda nesta perspectiva, o pesquisador aponta três lugares do discurso político: como sistema de pensamento, que busca inserir um ideal político através de princípios que serão base para criação de posicionamentos e opiniões; como ato de comunicação, em que aprovações, negações e acordos tentam ser estabelecidos; e como comentário, não sendo precisamente direcionado a fins políticos, mas um revelador de opiniões dos sujeitos. No caso de nossa análise, atentaremos para o discurso como ato de comunicação, sendo que

ele resulta de aglomerações que estruturam parcialmente ação política (...) e constroem imaginários de filiação comunitária, mas, dessa vez, mais em nome de um comportamento comum, mais ou menos ritualizado, do que de um sistema de pensamento, mesmo que este perpassa aquele. Aqui, o discurso político dedica-se a construir imagens de atores e a usar estratégias de persuasão e de sedução, empregando diversos procedimentos retóricos. (CHARAUDEAU, 2011, p. 40)

À vista disso, os discursos de posse, um dos gêneros³⁶ do discurso político, se enquadram neste lugar de fabricação do discurso político, uma vez que dizem respeito ao ator político — presidente eleito — buscando trazer adesões dos cidadãos para si e para seu governo e construir uma imagem positiva publicamente a partir do seu primeiro pronunciamento oficial no cargo. Ao se posicionar frente ao púlpito e ler seu pronunciamento,

³⁵ Neste caso, estamos dizendo sobre a análise do discurso como disciplina e não apenas como a Teoria Semiolinguística.

³⁶ Ao falarmos que existem gêneros do discurso político, queremos lembrar da existência de outros além do discurso de posse, como a propaganda política, por exemplo.

para os parlamentares do Congresso Nacional, no primeiro momento, e no parlatório diante de um público presente na Esplanada dos Ministérios, ambos os momentos televisionados e repercutidos midiaticamente, o presidente emprega estratégias eloquentes, que visem atingir aqueles públicos e construir uma imagem desejadas por ele, seu partido e seus aliados. Como traz o jornalista Mario Rosa Júnior, na apresentação do livro de João Bosco Bezerra Bonfim, “será este [discurso] a entrar para a História, pois traz em seu bojo sua razão de ser” (ROSA JÚNIOR, 2008 *apud* BONFIM, 2008, p. 3). Considerando tais colocações, percebe-se que este discurso é o primeiro ato institucional do presidente, o que marcará sua história, como também a do país e dos cidadãos.

Os discursos de posse trazem elementos importantes para o governo, para os cidadãos e para o próprio presidente. Nele, as propostas anunciadas ou até mesmo as suas omissões indicam questões do país que serão ou não trabalhadas pelo mandante. Já, para os cidadãos, mediante as formas de tratamento e de referência empregadas a eles, esse pronunciamento indica a visão do governo vigente sobre os cidadãos e o que podem almejar para o futuro. Para o presidente, o discurso traz sinalizações de suas crenças, valores morais, sua identidade. Um tópico que merece ser evidenciado nestes discursos é o vocabulário adotado pelo orador. Neste caso, a escolha lexical é um modo de se aproximar de seu público-alvo, a partir do modo como são empregadas as palavras.

2.2.1 Estratégias discursivas no contexto político

Os políticos em seus pronunciamentos fazem uma curadoria do que será ocultado e evidenciado mediante artifícios de persuasão e sedução para atingir seus interlocutores (CHARAUDEAU, 2011). A partir de determinadas condições, os atores políticos traçam estratégias discursivas, desde a escolha lexical até as ações corporais no momento de fala. A escolha discursiva, as imagens de si e os efeitos causados fazem com que determinados políticos sejam eleitos. Nos regimes democráticos, em que as pessoas mediante o voto podem escolher seus representantes políticos, nota-se que a designação para determinado cargo parte, muitas vezes, das imagens que o político busca construir e emitir de si, creditada por estes eleitores, do que efetivamente as suas propostas, isto é,

temos dificuldade em aceitar que em uma democracia o povo vote em um político mais em razão de sua imagem e de algumas frases de efeito que ele

ou ela profira do que em razão de seu programa político. Entretanto, o comportamento das massas depende daquilo que as reúnem sob grandes denominadores comuns: discursos simples portadores de mitos, de símbolos ou de imaginários que encontram eco em suas crenças; imagens fortes suscetíveis de provocar uma adesão pulsional. (CHARAUDEAU, 2011, p. 78)

Na perspectiva charaudiana, estes discursos apresentados pelos sujeitos políticos tentam instituir suas gestões e encarar as relações de forças existentes no poder a partir de uma legitimidade, mostrando-se capazes de serem acreditáveis/críveis e na busca por convencer o máximo de pessoas que compartilham seus valores. A legitimidade está ligada ao poder dizer, isto é, um sujeito político como presidente, por exemplo, tem poder da palavra em determinados contextos devido ao estatuto que ocupa. Logo, por meio dessa tentativa de unir as opiniões, o político pretende desempenhar os papéis de representante e de responsável pelo bem-estar comum, assim ele, “em sua singularidade, fala para todos como portador de valores transcendentais: ele é voz de todos na sua voz, ao mesmo tempo em que se dirige a todos como se fosse apenas porta-voz de um Terceiro, enunciador de um ideal social” (CHARAUDEAU, 2011, p.80). Constata-se que esse sujeito está em uma trama teatral, na qual é intimado a construir para si um personagem cuja imagem seja promissora, crível e que afete seu interlocutor.

O político, fundamentalmente, precisa ter duas identidades concomitantemente, sendo uma que equivalha a pensar na vida coletiva dos cidadãos e uma que seja equivalente à prática da administração do poder. Para isso, existem três níveis de estratégias: legitimação, credibilidade e captação, sendo propostas por Charaudeau (2010, n. p.) com os seguintes questionamentos.

Perante o outro, o sujeito se confronta com a questão da validade da troca comunicacional em função de suas restrições. Propomos considerar que o sujeito age tentando responder a três tipos de questão: (1) o outro percebe o que me autoriza a falar (o que me legitima)? Se ele não o faz, devo tentar parecer legítimo aos seus olhos; (2) o outro crê em mim? Se ele não o faz, devo tentar parecer crível; (3) o outro aceita entrar em relação comigo e está pronto a aderir ao meu universo de discurso? Se ele não o faz, devo tentar parecer amável com respeito ao seu lugar, para persuadi-lo e comovê-lo.

A estratégia de legitimação (1) ocorre no momento onde aquele que fala não tem plena convicção de que está legitimado diante do outro. Ele, então, persistirá, se achar conveniente na situação, em manter a seriedade, confiar em suas competências sobre uma área

específica e suas vivências. Charaudeau (2010) exemplifica essa estratégia com uma conjuntura de campanhas de eleições, nas quais os políticos adotam estes recursos. Já o nível da credibilidade (2) é empregado quando o sujeito quer que confiem nele, para isso edificará uma imagem compatível com isto, avaliará as vantagens e desvantagens da situação, trará informações comprováveis, utilizará dados oficiais e usará seu poder de convencimento. E, ainda, a captação (3) é aderida no momento em que o sujeito busca a aceitação e o interesse do outro, sendo que para tal fim ele pode buscar atingir emocionalmente seu interlocutor (pontua-se que esta estratégia usa fundamentalmente o *pathos*, que abordaremos adiante).

2.2.1.1 Ethos

Trazido da retórica aristotélica, o *ethos* é o termo que denomina a imagem de si construída no discurso pelo comunicante com a finalidade de exercer influência sobre o seu auditório de interlocutores e causar impressões específicas. Essa noção é edificada discursivamente interagindo sobre os outros, isto é, há um “cruzamento de olhares”, como chama Charaudeau (2011, p. 115), em que o olhar do sujeito comunicante é atravessado pelo o que ele supõe/imagina que o outro está enxergando dele e pelo olhar do alocutário sobre o sujeito que fala. Maingueneau traz, alinhado às menções anteriores, que

o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala; o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro; é uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica. (MAINGUENEAU, 2008, p. 17)

A construção da imagem de si é existente no ato de linguagem, independentemente se queremos ou não, ela irá emergir mediante nossas falas, mostrando o que somos. As estratégias empregadas nesta construção, contudo, podem ou não ter o êxito almejado e surtir ou não alguma repercussão em determinado público e situação. Além do mais, vale destacar que, para Charaudeau (2011), o *ethos* liga sujeito falante e interlocutor, cruzando olhares nas ações e falas. Assim, a compreensão anterior de Maingueneau dialoga com Charaudeau, à medida que

(...) o *ethos* é voltado ao mesmo tempo para si e para o outro. Ele é uma construção de si para que o outro adira, siga, identifique-se a este ser que

supostamente é representado por um outro si-mesmo idealizado. No domínio político, e em um regime democrático, essa relação do um ao outro é marcada pela reciprocidade entre instância política e instância cidadã: o político deve sua posição ao povo e a ele deve prestar contas. O *ethos* político tomado nessa relação de reciprocidade orienta mais diretamente o espelho ora para o sujeito político, ora para o sujeito cidadão. (CHARAUDEAU, 2011, p. 153-154)

Na construção do *ethos* são mobilizados variados procedimentos discursivos com vistas a gerar efeitos positivos ao sujeito-político ou negativos aos seus inimigos. Contudo, eles serão vistos como úteis e causadores de bons efeitos levando-se em consideração os contextos de realização. Devemos, ainda, atentar para o *ethos* prévio ou pré-discursivo, uma vez que existe uma imagem antecipada feita pelo público para aquele orador. Dessa forma, é importante perceber que mesmo antes que o orador enuncie, o auditório já faz uma representação (MAINGUENEAU, 2008), isto é, TUi faz uma imagem do EUc a partir do que já sabe anteriormente sobre ele.

Outro ponto a ser ponderado é a vocalidade no *ethos* discursivo, isto é, a enunciação oral das palavras, como um dos elementos constitutivos do efeito etótico propostos como: bem falar, falar forte, falar tranquilo, falar regional (CHARAUDEAU, 2011). Além disso, há também o corpo, os gestos, os semblantes, as vestes, etc.

Logo, percebe-se que há uma ligação que interage na elaboração do *ethos*, sendo que ele “pertence ao domínio das representações sociais, e sua valorização no domínio político depende das circunstâncias. Não é, portanto, de se estranhar que as diferentes figuras que o compõem se entrecruzam, coexistam, se reforcem ou mesmo se contradigam” (CHARAUDEAU, 2011, p. 181). Essa noção aponta para uma dualidade, na qual o político pode “dar um tiro no pé” e fracassar, como também pode causar deslumbramentos e obsessões nas pessoas ao invés de ser uma anuência aos ideais políticos.

No discurso político temos que considerar também os *ethé* de credibilidade, uma vez que esta característica é primordial para o político e resulta “da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante, realizada de tal modo que os outros sejam convencidos a julgá-lo digno de crédito” (CHARAUDEAU, 2011, p. 119). O político buscará sempre ser aceito e, para isso, se questionará do que necessita ser feito para conseguir tal aderência e fazer uma imagem que correlacione a esta expectativa. A perspectiva de Charaudeau (2011) suscita três condições que validam esta credibilidade: condição de sinceridade ou transparência, que seria a possibilidade de checar se aquilo que é proferido pelo sujeito

equivale ao que ele pensa; condição de performance, que é a realização de suas promessas, isto é, pô-las em prática; e condição de eficácia, que corresponde aos efeitos consequentes de sua prática. Por esse motivo, o político visando atingir as condições supramencionadas buscará construir um *ethos* de sério, virtuoso e competente.

O *ethos* de sério conjuga vários fatores: corporais, mímicos, comportamentais, verbais. Estes são expressos a partir da postura corporal, capacidade de autodomínio diante de situações tensas, ter cautela diante de problemas que emergem, energia para trabalhar, não brincar constantemente e nem ser ríspido nos encontros, ser firme ao falar, evitar frases de efeito, construir frases simples e optar por léxicos de fácil compreensão. Os pontos anteriores apontam alguns tópicos que os políticos devem seguir para construir tal imagem. Já o *ethos* de virtude é necessário ao político, já que sua figura deve representar sinceridade. Essa construção acontece ao longo do tempo a partir das ações que o mesmo desempenha em seu mandato. Além de ser sincero e fiel, a honestidade pessoal se junta nesta construção, sendo ela uma imagem que retomará o sujeito em sua vida pessoal/privada, além da vida pública. Portanto, a transparência se faz necessária, sendo inclusive uma atitude de respeito com os cidadãos. E, por fim, deve fabricar o *ethos* de competência, o qual é evidenciado pelo sujeito que “ele deve ter conhecimento profundo do domínio particular no qual exerce sua atividade, mas deve igualmente provar que tem os meios, o poder e a experiência necessários para realizar completamente seus objetivos, obtendo resultados positivos” (CHARAUDEAU, 2011, p. 125). Identifica-se, aqui, que para atingir esta imagem, o político tem que demonstrar conhecimentos, domínios, estudos, experiências vividas e eficácia. Assim,

afirmamos que o *ethos* político é resultado de uma alquimia complexa feita de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de declarações verbais, tudo relacionado às expectativas vagas dos cidadãos, por meio de imaginários que atribuem valores positivos e negativos a essas maneiras de ser. Toda construção do *ethos* se faz em uma relação triangular entre si, o outro e um terceiro ausente, portador de uma imagem ideal de referência: o si procura endossar essa imagem ideal; o outro se deixa levar por um comportamento de adesão à pessoa que a ele se dirige por intermédio dessa mesma imagem ideal de referência. No discurso político, as figuras do *ethos* são ao mesmo tempo voltadas para si mesmo, para o cidadão e para os valores de referência. (CHARAUDEAU, 2011, p. 137)

Ainda na estratégia do *ethos* do discurso político, um ponto que cabe ser destacado são os *ethé* de identificação, os quais visam atingir o máximo de pessoas, sendo que existem várias possibilidades. Destaca-se alguns destes *ethé* apontados por Charaudeau (2011), como

os de potência (observado como uma energia física e corporal, vontade de agir, proativo); de caráter (seria uma força espiritual determinada a partir da coragem, autocontrole, firmeza, como também provocação e polêmica); de inteligência (abrange admiração das pessoas, contudo, a inteligência é difícil de ser definida, mas Charaudeau (2011, p. 145) traz como “(...) um imaginário coletivo que testemunha a maneira como os membros de um grupo social a concebem e a valorizam”, além de ser compreendida, no âmbito político, mediante comportamento do político na vida privada); de humanidade (importante para o político, uma vez que demarca sentimentos, compaixão, anseios, fraquezas); de chefe (essa construção da imagem de si se volta a figura de um mestre orientador, que conquista os cidadãos); de solidariedade (é marcado pela vontade de unir-se/juntar-se às pessoas em momentos tensos, além de ser edificada por uma ligação de mutualidade entre seus atos.)

2.2.1.2 Pathos

Na análise do discurso interessa-nos apreender como os efeitos desenvolvidos pelas emoções são produzidos e desencadeados. O objetivo, portanto, não é definir as características das emoções, mas o que os efeitos que podem gerar no indivíduo naquela situação. O estudo das emoções em outras áreas, sobretudo as biológicas, apresentam o propósito de entender como elas são desencadeadas, envolvendo estudos neurocientíficos sobre as diferentes áreas cerebrais e o sistema nervoso. Na sociologia e na psicologia, por exemplo, os estudos são voltados a entender as emoções em seus estados brutos.

Os efeitos patêmicos são visados, uma vez que eles objetivam desencadear emoções específicas. Contudo, isso realmente pode acontecer ou não, já que conforme dizemos as emoções são diferentes em cada sujeito e o ato de linguagem também não apresenta uma efetiva garantia de sucesso. A demarcação do autor pelo léxico *pathos* e efeito *patêmico* visa desassociar dos estudos de áreas biológicas e psicológicas. Já nos estudos discursivos, o interesse é saber como aquele discurso pode desencadear certas emoções nos interlocutores.

Frisa-se que cada um tem a sua própria maneira de experienciar e viver um momento, portanto os efeitos ocasionados são variáveis em cada indivíduo, mesmo sendo o acontecimento idêntico.

Em uma perspectiva da análise do discurso, os sentimentos não podem ser considerados nem como uma sensação, nem como um experimentado, nem

como um expresso, pois, se de um lado, o discurso pode ser portador e desencadeador de sentimentos ou emoções, de outro, não é nele que se encontra a prova de autenticidade do que se sente. Não se pode confundir, de um lado, o efeito que pode produzir um discurso em relação ao possível surgimento de um sentimento e, de outro, o sentimento como emoção sentida. O que é sentido, por outro lado, nunca é refutável. Uma emoção sentida, se ela é autêntica, ocorre como um surgimento incontível e nenhum discurso nada pode diante disso. A razão não tem nenhum domínio sobre a emoção. Por outro lado, um discurso que visa a produzir uma emoção é, por si próprio, refutável : por exemplo, podemos replicar a alguém que tenta nos sensibilizar “você pode se fazer de vítima, mas você não vai me comover”. Da mesma maneira, podemos explicar ou até mesmo justificar a expressão de uma emoção que julgamos vergonhosa (CHARAUDEAU, 2007, p. 241-242)

Salienta-se também que um estudo discursivo das emoções leva em consideração três pontos: ordem intencional; saberes de crença e representações psicossociais. Como ordem intencional, pode-se entender que as emoções são vivenciadas na representação de um objeto que atinge ou causa repulsa em um sujeito. Os saberes de crença são as bases das emoções, que estão alicerçadas nas crenças que grupos compartilham. A emoção se insere em uma representação psicossocial. Esta é considerada patêmica quando acontece em um momento onde um julgamento socialmente compartilhado age sobre o indivíduo, colocando-o como vítima ou favorecido com a situação.

Constata-se que a situação social e cultural na qual ocorre o discurso fundamenta a organização dos efeitos patêmicos. Portanto, ao estudarmos o *pathos* precisamos considerar a situação comunicacional, os saberes que são socialmente compartilhados e as estratégias empregadas.

Logo, percebe-se que as representações de enunciador e enunciatário determinam escolhas discursivas que remetem a estratégias conscientes e inconscientes. Compreendendo as imagens desses sujeitos nas tramas do discurso notar-se-á o êxito do ato de comunicação. Para isso, deve-se perceber os vestígios discursivos do efeito patêmico a partir da dimensão explícita e direta, pela apreensão das palavras, ou pela dimensão implícita e indireta, quando verifica-se neutralidade nos vocábulos. Vale pontuar que existem palavras que descrevem nitidamente uma emoção, outras que não descrevem mas podem desencadear emoções, e ainda aquelas que não são palavras desencadeadoras de efeitos patêmicos, mas que os produzem em determinadas situações comunicativas.

2.3. Imaginários sociodiscursivos

Ainda na perspectiva semiolinguística, a noção de imaginários sociodiscursivos (CHARAUDEAU, 2011, 2017) é valiosa compreendendo que eles podem ser coletivos, circulando em grupos, produzidos integrando elementos de ordens afetivas e racionais. “O imaginário é efetivamente uma imagem da realidade, mas imagem que interpreta a realidade, que a faz entrar em um universo de significações” (CHARAUDEAU, 2011, p. 203). Assim, estabelece um mecanismo de engendramento de sistemas de pensamento, saberes, criação de valores, justificativa de ações sociais e depósitos de memórias coletivas, os imaginários são “(...) partilhados pela sociedade, dão significado ao mundo.” (PROCÓPIO, 2009, p. 184). Isto é, são formas de compreensão do mundo construindo significações aos objetos, seres humanos, comportamentos e fenômenos, mudando a realidade para um real significante. É bom lembrar que, conforme o contexto onde está inserido, o imaginário pode ganhar uma qualidade boa ou ruim.

“Eles dão testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais” (CHARAUDEAU, 2011, p. 207), dessa maneira, vê-se que os imaginários sociodiscursivos possuem também a função de justificar atividades das pessoas e de grupos sociais. Em face disso, Charaudeau (2011) exemplifica os imaginários no campo político, sendo que eles ditam como deve comportar um político em determinado contexto e os imaginários sobre a imagem de si (*ethos*) que ele edificará consoante ao que as pessoas aguardam.

Os imaginários sociodiscursivos fazem parte de uma interdisciplinaridade construída com o propósito de buscar explicações satisfatórias. A análise do discurso trabalha conjuntamente com diversas áreas, como Antropologia, Filosofia, Sociologia, Psicologia, e mostra que os saberes são circulantes dentro de um grupo social, apontados por enunciados languageiros. Em suma, os imaginários são tratados como sociodiscursivos na medida em que são sociais por se qualificarem dentro de campo de práticas sociais, como é a política, simbolizando representação de mundo, e discursivos por serem realizados de variadas maneiras em enunciados languageiros.

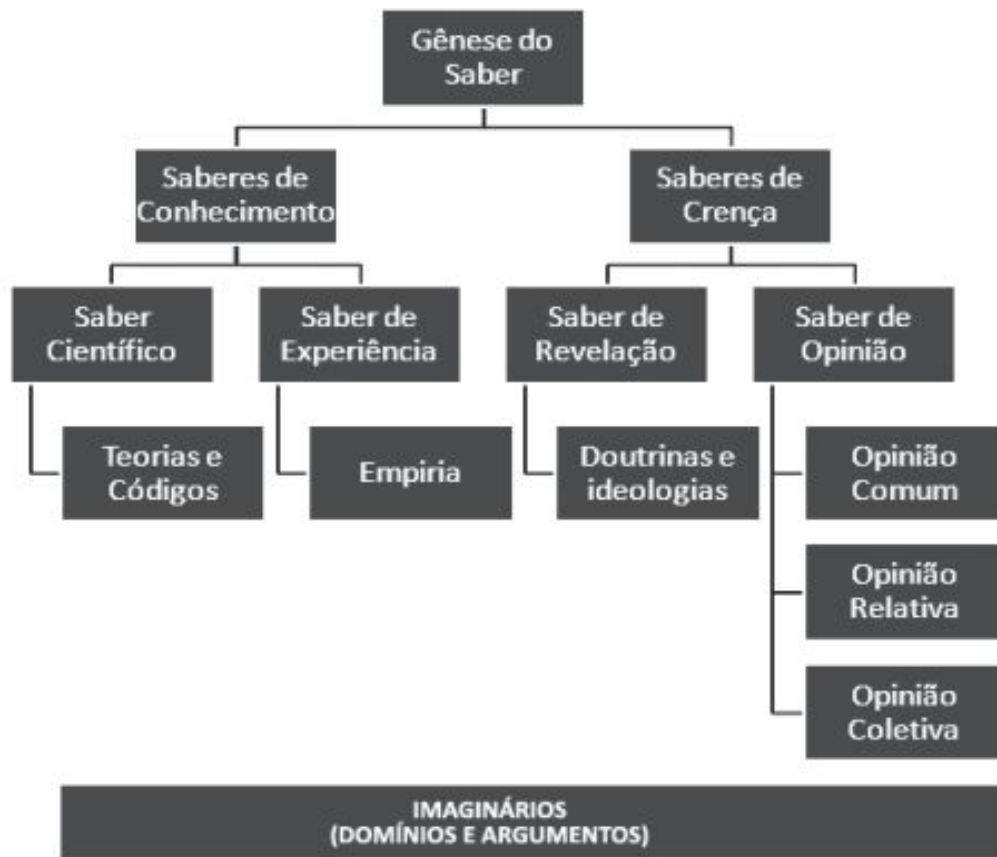
E ainda em relação a essa situação, vale mencionar que os imaginários se estruturam tendo em vista dois tipos de saberes: de crença e de conhecimento (CHARAUDEAU, 2011, 2017).

Constituindo verdade sobre os fenômenos do mundo, os saberes de conhecimento vão além da subjetividade, são saberes verificáveis e objetivos. Sendo sua fundamentação exterior às pessoas, eles “(...) dizem respeito aos fatos do mundo e à explicação que se pode dar sobre o porquê ou o como desses fenômenos” (CHARAUDEAU, 2011, p. 197). Eles podem ser subdivididos em duas categorias: saber científico e saber de experiência. O primeiro é da ordem da razão científica, a qual apresenta procedimentos que garantem sua objetividade, mediante cálculos, experiências e observações, e que podem ser replicados e provados por qualquer pessoa. Já o segundo traz explicações sobre as coisas do mundo que se coloca ao conhecimento, sem a possibilidade de serem provadas. O saber de experiência é válido na medida que um indivíduo tenha experimentado aquilo e que qualquer outro possa experimentar nas mesmas circunstâncias.

O segundo tipo de saber importante para se pensar nos imaginários é o de crença que se estabelece a partir das avaliações e julgamentos sobre fenômenos e coisas do mundo, isto é, “refere-se, portanto, aos valores que lhe [mundo] atribuímos e não ao conhecimento sobre o mundo, que é um modo de explicação centrado na realidade e que, supostamente, não depende de julgamento humano (...)” (CHARAUDEAU, 2011, p. 198). A crença é portadora de julgamento e é um filtro de interpretação do sujeito. Este saber também se subdivide em dois tópicos: saber de revelação e saber de opinião. A revelação exige um movimento de aprovação total dos sujeitos e, para isso, deve ter textos que sejam testemunhos dessas verdades, um exemplo são os escritos da Bíblia. Já a opinião consiste de uma avaliação subjetiva, na qual o sujeito apropria-se de um julgamento das coisas do mundo, mediante a adesão de um saber dentre os existentes em circulação nos grupos sociais. Isto evidencia que se trata de um saber ora pessoal e ora compartilhado. Ainda sobre este saber, cabe a distinção entre três tipos de opinião, sendo a comum — generalizada e que busca amplo partilhamento —, a relativa — é mais limitada e tem origem de um sujeito ou de um pequeno grupo — e, ainda, a coletiva — que parte de um grupo sobre outro.

A pesquisadora Mariana Procópio (2009) sintetiza as discussões sobre os saberes que formam os imaginários sociodiscursivos no esquema adiante:

FIGURA 2 – Diagrama proposto pela pesquisadora que reúne os saberes que formam os imaginários sociodiscursivos



Fonte: Procópio (2009, p. 188)

Ao levar em consideração esta perspectiva, é importante situar que os imaginários se sustentam a partir desses saberes supracitados. Não sendo determinantes como falsos ou verdadeiros, os imaginários são proposições baseadas nestes saberes que erguem os sistemas de pensamento. Mediante esta explicação, enquanto analistas do discurso, podemos ver como emergem os imaginários, onde se inscrevem e qual visão de mundo eles trazem.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DISCURSOS DE POSSE DE JAIR BOLSONARO

3.1 Procedimentos metodológicos

Neste trabalho monográfico realiza-se uma pesquisa qualitativa tendo como objeto os dois discursos pronunciados no ato de posse presidencial, em 2019, por Jair Bolsonaro (as transcrições estão anexadas na seção final). Nosso *corpus* é composto pela transcrição dos pronunciamentos juntamente aos componentes icônicos que o constitui, isto é, analisamos as dimensões verbais e não-verbais para compreendermos as estratégias empregadas no discurso e as imagens construídas nele.

Dispondo de um formato monográfico, que auxilia-nos na execução das análises e nos resultados para a pergunta de pesquisa, este trabalho usa métodos analíticos e descritivos buscando entender em profundidade os pronunciamentos e as estratégias adotadas com vistas a apresentar os resultados e descrever a complexidade do problema.

Mediante a proposta teórica-metodológica da Teoria Semiolinguística, apresentada anteriormente, seguiremos os princípios de Charaudeau que traz “um procedimento empírico-dedutivo que integre o particular ao geral e o geral ao particular, através da descrição/interpretação e análise de um corpus formado por textos reais, produzidos em uma dada situação de comunicação” (LYSARDO-DIAS, 2010, p. 168). Dessa maneira, nos baseamos nas etapas de análise supracitadas para analisar os elementos da organização do discurso e os possíveis interpretativos. Salienta-se que a metodologia usada nos permite analisar textos verbais e não verbais, possibilitando a partir deste repertório também analisar as dimensões imagéticas dos discursos.

Vale pontuar que discursos de posse podem ser considerados de suma importância marcando um momento de tomada de um cargo, em que pronunciamentos são realizados e, no caso da presidência, identificando marcas da trajetória política do país e possíveis percursos que o político pretende assumir. Tais discursos estarão marcados no tempo e afetarão/ afetam nossas relações, contextos e apreensões de Brasil. A partir dessa conceituação, a organização metodológica do trabalho foi feita *a priori* com o estudo dos referenciais bibliográficos, bem como sua organização em fichamentos de leitura, e a formulação do marco teórico da pesquisa. Dessa forma, possibilitamos compreender nosso objeto de estudo e nosso foco analítico. Para isso, buscamos por estudos anteriores já realizados sobre análise de discursos

presidenciais e de cerimônias de posse. Haja vista que, em virtude de ser um acontecimento deste ano, ainda não encontramos estudos publicados especificamente sobre a posse. Contudo, evidenciamos outros estudos já realizados sobre o governo bolsonarista e Bolsonaro.

Valemo-nos de estudos das áreas de Comunicação e Estudos Linguísticos, conforme já citados na introdução. Sobretudo, ancoramos as análises em referenciais teórico-metodológicos da AD, entendendo que eles nos fornecem suporte diante de um objeto de diversas dimensões como é o discurso. Metodologicamente, nota-se que a AD debruça-se a identificar como o texto significa, refletindo que a linguagem não é transparente possibilitando, dessa forma, estudá-la como um acontecimento (ORLANDI, 2012).

Foram realizadas reuniões de orientação coletivas e individuais com a orientadora professora doutora Mariana Ramalho Procópio Xavier durante toda a execução da monografia. Primeiramente, os encontros foram destinados a delimitar os interesses de pesquisa e para organização do projeto que subsidiou este TCC. Após, os encontros aconteceram para execução das análises e prosseguimento das orientações.

3.2 Análise do *corpus*

Cabe-nos retomar que a AD Semiolinguística é focada em como os sujeitos se apropriam da linguagem para significar o mundo, isto é, uma relação entre sujeitos, linguagem e mundo. Dessa maneira, os discursos são produzidos por um sujeito, o qual possui uma intencionalidade e dirige-se a alguém ou algum grupo. Além de que não podemos ignorar os contextos de produção e de recepção de determinado discurso e os do analista. No jogo político, complexo âmbito que não pode ser reduzido apenas ao que uma pessoa diz, devemos nos atentar ao que essa pessoa diz e seus impactos, as influências, para e por quem está dizendo, com qual objetivo e propósito, por qual meio foi veiculado, as estratégias aplicadas neste ato de linguagem e os imaginários que engendram sistemas de pensamentos, saberes e valores.

Para iniciarmos nossas análises, devemos *a priori* fazer algumas ponderações acerca do discurso de posse baseado nos conceitos propostos na Teoria Semiolinguística. Localizando o objeto desta pesquisa, verifica-se que ele acontece no momento de abertura do mandato do novo presidente, que se dá sempre no primeiro dia do ano subsequente às eleições. No caso dos discursos de posse analisados, estes ocorrem quando Jair Bolsonaro é

oficialmente instituído como presidente do Brasil. Tal estabelecimento se passa em uma cerimônia marcada por ritos característicos e tradicionais, em que eventualmente acontecem modificações em sua estrutura. Na posse de 2019, contudo, todo o cortejo foi construído baseado em um esquema de segurança que visasse a proteção dos envolvidos, principalmente de Bolsonaro, o qual levou uma facada em Juiz de Fora durante um ato de sua campanha. Além de que, todo aparato montado foi devido à polarização política do país e aos atos violentos que foram sucedendo durante os últimos anos e, fundamentalmente, no período eleitoral de 2018. Soma-se a isso que a preparação para a posse contou com um agressivo sistema de segurança, em que foram instaladas cercas de arame farpado ao redor da Esplanada dos Ministérios, grades, presença de agentes das Forças Armadas, além das polícias Civil, Militar e Federal, e a possibilidade da Força Aérea Brasileira, autorizada por Michel Temer a partir de um decreto, interceptar e abater aeronaves, que fossem consideradas por ela, suspeitas e que estivessem sobrevoando em um raio menor que sete quilômetros da Esplanada³⁷. A duração de cerca de cinco horas da cerimônia foi marcada por dois discursos — um no Congresso Nacional, na presença de sujeitos em diferentes cargos políticos e outro no parlatório em frente ao Palácio do Planalto, onde apoiadores estavam acompanhando suas falas —, ambos transmitidos em tempo real pelos canais de televisão, juntamente ao desfile por Brasília ao lado de familiares, juramento à Constituição Federal e assinatura do termo de posse³⁸.

Um outro ponto a evidenciar, apesar da tradicionalidade da configuração deste momento, é a possível variação do local onde são realizados os discursos, podendo ser “no Congresso, na transmissão de faixa, na diplomação no TSE, na recepção às delegações estrangeiras e a pública (para os meios de comunicação) que pode ser de uma praça ou de uma sala do palácio” (BONFIM, 2008, p. 25). Nesta análise verificamos que optaram pelo Congresso Nacional e Palácio do Planalto.

Tendo em vista os sujeitos destes dois discursos, a partir do quadro enunciativo de Charaudeau (MACHADO, 2016; LYSARDO-DIAS, 2010), conseguimos identificar quem são os sujeitos, suas instâncias de produção (EU) e de recepção (TU) e suas interações.

³⁷ O esquema de segurança, como também os preparativos para esta cerimônia, foram descritos com fotografia na matéria do El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/31/album/1546277199_402634.html#foto_gal_16. Acesso em: 2 out. 2019.

³⁸ Informação disponível no site El País a partir da cobertura jornalística realizada pelo veículo. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/01/politica/1546333823_063262.html. Acesso em: 2 out. 2019.

Verificamos que, no primeiro discurso feito no Congresso Nacional, o sujeito comunicante (EUc), aquele que é empírico, é Jair Bolsonaro, o qual podemos caracterizá-lo a partir de todas as referências que já possuímos como homem cisgênero, heterossexual, branco, católico, ex-militar, capitão reformado do Exército, ex-deputado federal, conhecido por suas falas polêmicas marcadas por preconceitos e posicionamentos políticos de ultradireita. Enquanto sujeito enunciador (EUe), no espaço do dizer, ele assume o papel de presidente que projeta possíveis destinatários (TUD), que, no caso, seriam, fundamentalmente, os atores políticos que estavam ali o prestigiando e aqueles ditados por ele nos cumprimentos iniciais, sendo

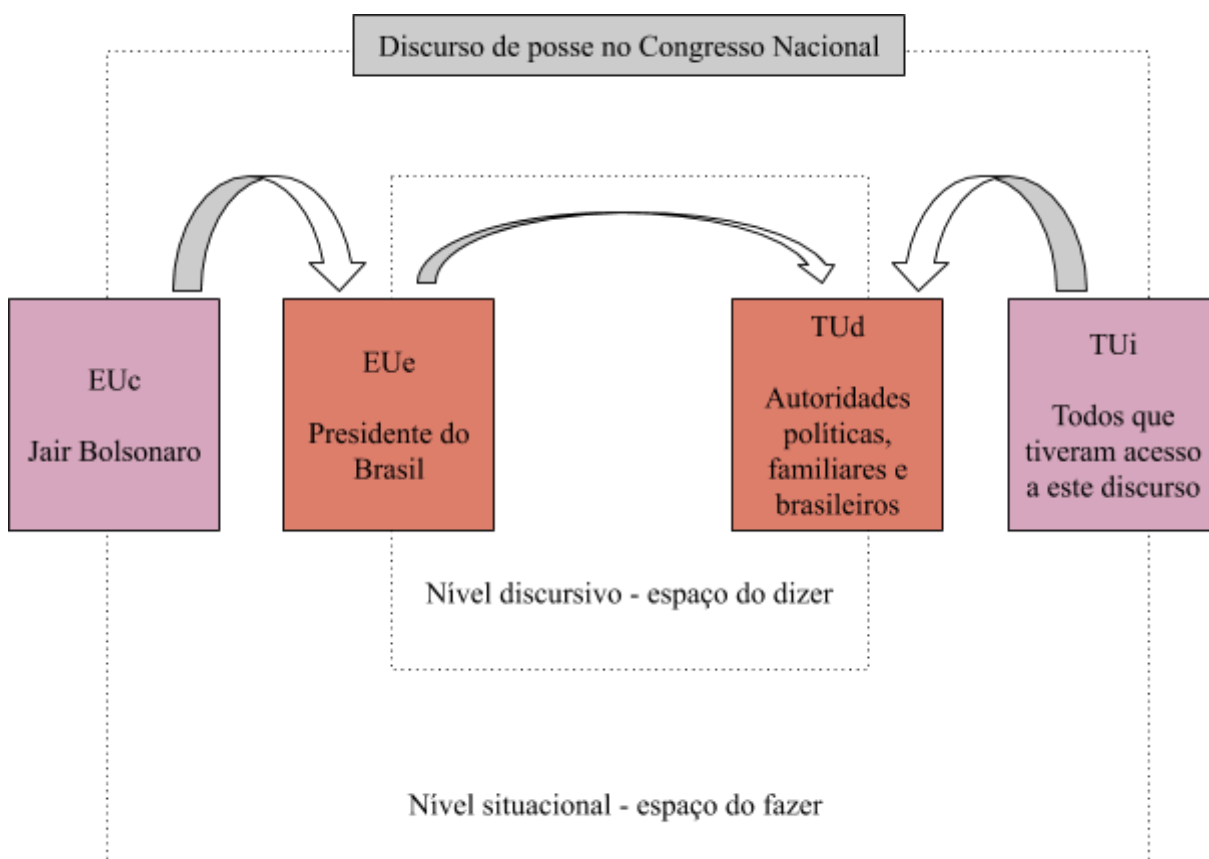
Excelentíssimo presidente do Congresso Nacional, senador Eunício Oliveira. Senhoras e senhores chefes de Estado, chefes de Governo, vice-chefes de Estado e vice-chefes de Governo, que me honram com suas presenças. Vice-presidente da República Federativa do Brasil, Hamilton Mourão, meu contemporâneo de academia militar das Agulhas Negras, presidente da Câmara, os deputados. Prezado amigo, companheiro, deputado Rodrigo Maia. Ex-presidente da República Federativa do Brasil, senhor José Sarney, senhor Fernando Collor de Melo. Presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Dias Toffoli. Senhoras e senhores, ministros de Estado e comandante das Forças aqui presentes. Procurador-geral da República, Raquel Dodge. Senhoras e senhores, governadores. Senhoras e senhores, senadores e deputados federais. Senhoras e senhores, chefes de missões estrangeiras acreditados junto ao governo brasileiro. Minha querida esposa, Michele, daqui vizinha Ceilândia. Meus filhos e familiares aqui presentes. A conheci aqui na Câmara. Brasileiros e brasileiras. (BOLSONARO, Jair. Discurso no Congresso Nacional em 1º de janeiro de 2019)

Aqui, destaca-se que cumprimentos especiais são efetuados, sendo que os mais importantes em sua visão são ditos primeiro tendo em vista o local no qual foi proferido, além de que algumas adjetivações colocadas nos sinalizam quem são esses sujeitos idealizados por Bolsonaro, como as qualificações que fez a seu vice e ao deputado Rodrigo Maia, e as saudações dirigidas aos chefes de Estado estrangeiros. Em seguida, ele cita sua esposa e aproveita deste momento para dizer que ali onde estava foi o local em que a conheceu, o que nos indica a tentativa de construção de uma imagem de conquistador, algo que discutiremos adiante sobre *ethos*. Por fim, dirige-se aos cidadãos comuns, que são brasileiros e brasileiras. Já os sujeitos interpretantes (TUi) são todos aqueles que tiveram contato com esse pronunciamento, independentemente da forma como chegou até eles. Portanto, nota-se que o TUi é impreciso e complexo de ser qualificado.

Comprova-se seu planejamento de TUd a partir de algumas frases ditas, como “Aproveito este momento solene e convoco, cada um dos Congressistas (...)”, vocativo “Senhoras e Senhores Congressistas (...)”, os pronomes de tratamento e, ainda, complementa-se essa verificação com o uso de verbos na terceira pessoa do plural (nós) e o uso dos pronomes pessoais nós e vocês, que sugerem uma tentativa de aproximação com estes sujeitos.

Podemos sintetizar a partir do esquema representado a seguir:

FIGURA 3 – Contrato de comunicação estabelecido no primeiro discurso

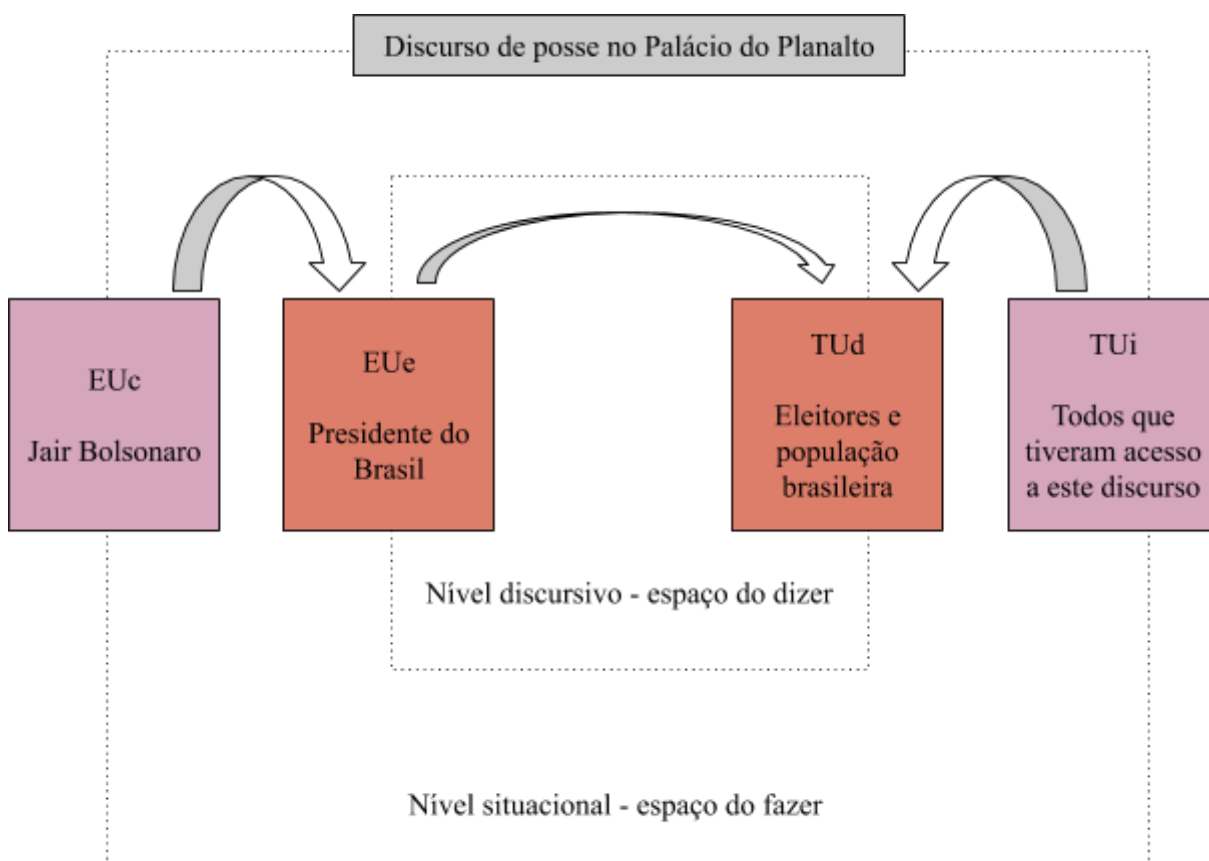


Fonte: Elaboração própria (2019)

Já no segundo discurso, ocorrido no Palácio do Planalto, é importante situar que o EUc continua sendo Bolsonaro, com as mesmas referências supramencionadas que já conhecemos. Ao se colocar como EUe na figura de presidente, que acaba de receber a faixa presidencial, ele projeta um TUd que seria, ali, os seus eleitores presentes na Praça dos Três Poderes, bem como os brasileiros que estavam assistindo o momento televisionado, o que torna as projeções deste pronunciamento diferentes das objetivadas no primeiro. A partir de

suas frases iniciais constata-se a projeção destes sujeitos, por exemplo: “E vocês acreditaram em mim” e a utilização de “a todos vocês” e “brasileiro”. O TUi continua sendo quem teve acesso a esse momento, seja em tempo real ou posteriormente. Merece destacar que ao lado de Bolsonaro estavam sua esposa (à sua direita), vice-presidente e vice-primeira-dama (à sua esquerda) e uma intérprete de Libras (à sua direita), que fez a tradução simultânea. Abaixo, os sujeitos estão esquematizados.

Figura 4 – Contrato de comunicação estabelecido no segundo discurso



Fonte: Elaboração própria (2019)

Por outro lado, pondera-se que não sabemos quem foi/foram o/os sujeito/sujeitos que escreveu/escreveram os discursos enunciados. Pode ter sido o próprio Bolsonaro ou uma equipe que trabalha para ele, contudo, por se tratar do primeiro pronunciamento oficial no cargo, acredita-se que possa ter sido escrito e revisado por mais de uma pessoa. Também é

sabido, por exemplo, que um de seus discursos já durante seu mandato em um evento da ONU foi escrito por uma equipe de quatro pessoas³⁹.

Baseado na teoria charaudiana em que o pesquisador propõe que todo ato de linguagem é uma encenação, vê-se que este *mise en scène* da posse pode ter atingido ou não os objetivos suscitados por Bolsonaro. Suas intenções podem ter atingido positivamente ou não as pessoas, portanto, não há como ele comandar tais impressões e nem mesmo os sentidos que surgem do ato de comunicação. Por essa razão, é uma expedição e uma aventura, nas quais não há como saber se existiu sucesso ou fracasso e nem mesmo os efeitos consecutivos dos discursos bolsonaristas.

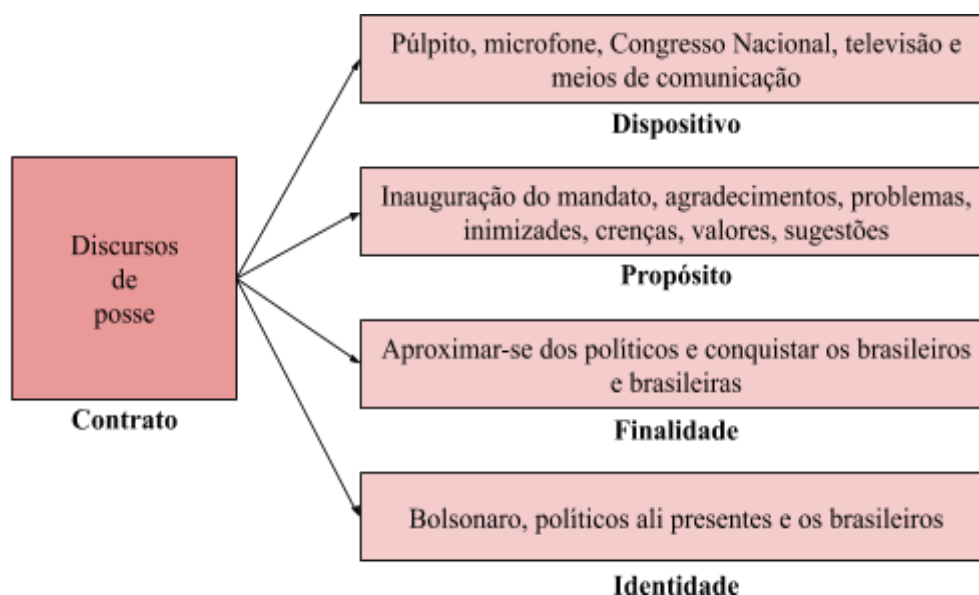
Para que a comunicação se estabeleça é necessário que existam condições, manobras, restrições e estratégias, o que conhecemos por contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2013, 2017; MACHADO, 2016). É importante enfatizar que no nível situacional do ato de linguagem ocorrem restrições e manobras que os sujeitos devem seguir para que a comunicação se efetive positivamente. E, no espaço do dizer, são propostas estratégias discursivas de legitimação, credibilidade e captação. Assim, em uma cerimônia de posse, em que atos institucionais acontecem, além do fato deles serem televisionados, noticiados e acompanhados, por milhares de pessoas, nacional e internacionalmente, existem práticas que a regula possibilitando reconhecê-la como tal. Isso configura o contrato de comunicação, acordo que demarca condições para que situações comunicativas e suas condições (dispositivo, propósito, finalidade e identidade) ocorram, consistindo em conceitos importantes de serem sinalizados para entendermos a dinâmica que envolvem tais discursos. Anteriormente, foram apresentados os sujeitos que compõem este ato de linguagem e as ligações estabelecidas. Agora, serão evidenciados os elementos que possibilitam o seu reconhecimento.

Portanto, averiguou-se que o contrato demarca o discurso de posse, em todos dois momentos analisados, no qual Bolsonaro institui o início de seu mandato no cargo de presidente diante de autoridades políticas e da população brasileira. Além de que, constata-se as condições de enunciação desta produção de linguagem, sendo a identidade — quem são os

³⁹ As informações sobre quem escreveu o discurso foram trazidas no site da Época. O discurso de Bolsonaro foi escrito pelos ministros Augusto Heleno, do Gabinete de Segurança Institucional, e Ernesto Araújo, das Relações Exteriores, pelo filho Eduardo Bolsonaro, e por Filipe Martins, assessor internacional de Bolsonaro. Ainda, consta que Bolsonaro alterou algumas palavras. Disponível em: <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/quem-escreveu-discurso-de-jair-bolsonaro-23969980>. Acesso em: 20 out. 2019.

sujeitos envolvidos e para quem foi direcionado — composta por ele, no estatuto de presidente, e a população brasileira e políticos, conforme foi comentado acima mediante a análise de quem são os sujeitos comunicante, enunciador, destinatário e interpretante (frisa-se que no Congresso, Bolsonaro mira, fundamentalmente, os políticos e possíveis aliados de governo e, já no Palácio do Planalto, são os brasileiros e brasileiras, principalmente, seus eleitores); o propósito — o tema deste discurso — aponta para a inauguração do mandato, realização de agradecimentos, menção a inimigos e problemas considerados na visão dele, exposição de suas crenças, valores e sugestões de possíveis atitudes que tomará; a finalidade — que é o objetivo deste discurso — é para aproximar-se de seus apoiadores e futuros aliados, em um primeiro momento, e conquistar os brasileiros e brasileiras, no segundo; e o dispositivo — condições físicas e formas de veiculação — é o púlpito, microfone, espaço do Congresso e do parlatório e, um meio importante, a televisão mediante a veiculação nas emissoras ao vivo atingindo um público incomensurável. Ainda no que diz respeito aos meios de comunicação que reverberaram estes discursos, cabe salienta a relevância de outros canais, como jornais, revistas e, sobretudo, a internet através dos portais de notícias e das redes sociais, que divulgaram também em tempo real e que disponibilizaram, em seguida, esses discursos na íntegra. Dessa forma, podemos compilar estas investigações no esquema abaixo, nos quais evidenciamos as condições do contrato de comunicação nos dois discursos analisados.

Figura 5 – Elementos do contrato de comunicação analisados no discursos de posse



3.3 Estratégias discursivas implementadas por Bolsonaro para construção das representações

Dentro deste contrato de comunicação são mobilizadas estratégias discursivas, em que Bolsonaro nos seus pronunciamentos promove uma seleção do que será mostrado e sublimado cujo intuito é persuadir, convencer e atingir positivamente seu público-alvo, sejam eles políticos e aliados ou cidadãos comuns. Ele seleciona temáticas que compreende como de interesse da população e do Brasil e, assim, suscita as seguintes: corrupção, criminalidade, irresponsabilidade econômica, “submissão ideológica”, união do povo, valorização da família, respeito às religiões, tradição judaico-cristã, “combater a ideologia de gênero”, conservação de valores, segurança, economia, crescimento do setor agropecuário. Também enuncia como compromisso “construir uma sociedade sem discriminação ou divisão”. Ainda, destaca-se no trecho:

Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana daqueles brasileiros: que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias; que exigem saúde, educação, infraestrutura e saneamento básico, em respeito aos direitos e garantias fundamentais. (BOLSONARO, Jair. Discurso no Congresso Nacional em 1º de janeiro de 2019)

Por vezes, ele traz em sua fala o fato de ter sobrevivido à facada, grupos que ele considera “inimigos da pátria” e menciona Deus em vários momentos. Mesmo diante de tantas percepções individuais e disposição de crenças e valores subjetivos de Bolsonaro, ele suscita, aqui, uma série de temáticas que seriam de interesse do seu eleitorado. Identifica-se, portanto, que Bolsonaro examina as margens de manobra que possui para estabelecer seus pronunciamentos, sendo que, dessa forma, ele pode ver as restrições existentes neste momento institucional e escolher a maneira como organizará seus discursos e quais temáticas explanará.

Bolsonaro, tendo em vista sua identidade no contrato comunicacional, possui legitimidade para falar por ser o presidente do Brasil, ou seja, ele tem poder de dizer devido à sua posição. Todavia, no âmbito das estratégias discursivas, ele precisa criar e reforçar sua legitimidade, já que questionamentos por parte da população, das mídias e dos atores políticos

são levantados sobre sua figura no campo político. Para tal fim e conferir-lhe poder da palavra, Bolsonaro diz “É com humildade e honra que me dirijo a todos vocês **como Presidente do Brasil**”, isso, portanto, é uma estratégia de legitimação para reforçar seu direito de falar neste espaço a partir do status que passa possuir, ou seja, de estar no mais alto cargo de comando do país e eleito pela maioria da população, como ele faz questão de destacar.

Para se mostrar confiável e fazer com que seu interlocutor acredite no que está dizendo, Bolsonaro cita seu cargo público anterior e o tempo que passou exercendo a função, dizendo “Com humildade, volto a esta Casa [Congresso Nacional], onde, **por 28 anos, me empenhei em servir à nação brasileira**, travei grandes embates e acumulei experiências e aprendizados, que me deram a oportunidade de crescer e amadurecer”. E continua “Volto a esta Casa [Congresso Nacional], **não mais como deputado, mas como Presidente da República Federativa do Brasil, mandato a mim confiado pela vontade soberana do povo brasileiro**”. Ao enunciar isto, ele evidencia a tentativa de se mostrar um sujeito credível por ter quase três décadas como político e por ter ganhado a eleição presidencial. Nesta última frase, além da estratégia de credibilidade, há também uma estratégia de legitimidade ao reafirmar o posto de presidente que passa a ocupar.

Porém, vale ponderar que Bolsonaro, para uma parte das pessoas que não fazem parte de seu eleitorado, não é uma pessoa crível, muito pelo contrário. Questiona-se, por exemplo, como durante 28 anos, ele teve apenas dois projetos, conforme trazemos na introdução deste trabalho. E como um político com inexpressividade dentro Congresso Nacional enquanto foi deputado seria capaz de governar o país e estar a frente do cargo de presidente? E como um presidente que na época de candidatura não compareceu aos debates eleitorais possui credibilidade para estar neste cargo⁴⁰? Vale destacar que a credibilidade é adquirida e, para tanto, é necessário que o sujeito se apresente verdadeiro e construa para si uma boa imagem, algo questionável na figura de Bolsonaro.

A credibilidade está atrelada ao *ethos*, a imagem de si construída no discurso, análise que faremos *a posteriori*. “Assim, para a credibilidade ser instaurada, é preciso que sejam

⁴⁰ O site UOL trouxe a matéria *Bolsonaro não vai participar de debates no 2º turno: "é secundário"*, em que ele afirma que não iria participar de nenhum debate eleitoral promovido pelas emissoras de televisão. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/18/bolsonaro-nao-vai-participar-de-debates-nem-viajar-no-2-turno.htm>. Acesso em: 21 out. 2019.

evidenciados alguns elementos discursivos indicadores da posição de verdade do sujeito” (PROCÓPIO, 2015, p. 41-42). Ainda neste ponto da credibilidade, nota-se que Bolsonaro faz uso de dois procedimentos para alcançá-la, a verossimilhança e a explicação (CHARAUDEAU, 2013; PROCÓPIO, 2015). A verossimilhança nos discurso é a possibilidade da existência dos fenômenos elucidados por ele serem comprovados e a explicação é a possibilidade de se precisar os motivos e as finalidades dos fatos que Bolsonaro coloca. Portanto, isto são estratégias empregadas na construção do discurso de Bolsonaro para lhe garantir credibilidade.

Já nas estratégias de captação, tática para atingir o outro para que ele passe a compartilhar de sua intencionalidade, Bolsonaro apela para o atentado de Juiz de Fora, como nas frases “Primeiro quero agradecer a **Deus** por **estar vivo**, que pelas mãos de profissionais da Santa Casa de Juiz de Fora operaram um verdadeiro **milagre(...)**”, além da menção à religião, milagres e Deus; “Hoje, aqui estou, fortalecido, emocionado e profundamente **agradecido, a Deus pela minha vida e aos brasileiros, por confiarem a mim a honrosa missão de governar o Brasil (...)**”, nota-se que aqui ele traz um apelo emocional ao expor seus sentimentos, novamente refere-se a Deus e menciona gratidão aos brasileiros; “Governar com **vocês**”, aponta-se o uso do pronome pessoal de tratamento para aproximar-se dessas pessoas; “Por isso, quando os **inimigos da pátria, da ordem e da liberdade** tentaram pôr fim à minha vida, **milhões de brasileiros foram às ruas**”, verifica-se que os inimigos para Bolsonaro são aquelas pessoas de esquerda contrárias a ele. Porém, vale dizer que foi apenas um homem que tentou matá-lo em Juiz de Fora⁴¹ e, ao usar a construção frasal no plural, Bolsonaro generaliza e culpabiliza mais pessoas pelo seu atentado; e também ao fazer uso da primeira pessoa do plural e do pronome você. Constata-se, então, que a estratégia de captação apela para os efeitos patêmicos, emoções desencadeadas no discurso, que analisaremos ainda neste capítulo. Acrescente-se, ainda, que ele faz uso de determinados léxicos (por exemplo, inimigos da pátria, cidadão de bem...), gestos, movimentos corporais (balançar a bandeira do Brasil, pegá-las em momentos do discurso) visando captar o público.

⁴¹ O atentado que ocorreu durante um ato de campanha foi no dia 6 de outubro de 2018, em Juiz de Fora (MG). Outras informações sobre este acontecimento está disponível na matéria de João Paulo Charleaux, intitulada *O atentado de Bolsonaro. E o clima de violência na política*, do site Nexo. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/09/06/O-atentado-a-Bolsonaro.-E-o-clima-de-viol%C3%Aancia-na-pol%C3%ADtica>. Acesso em: 21 out. 2019.

3.4 Mobilização dos elementos *ethos* e *pathos* nos discursos de posse

Atrelado à credibilidade, o *ethos* é uma categoria fundamental na análise dos discursos de posse. Buscando causar uma boa impressão, haja vista que estes discursos ocorrem no primeiro ato institucional do mandato e que ficarão marcados na história do país, Bolsonaro tenta criar para si uma imagem condizente com a de um presidente, de alguém que está em um cargo de comando tentando influenciar os políticos e a população para que adiram a seu governo. Isso é evidenciado por Charaudeau (2011, p. 87) ao dizer que “o *ethos* político deve, portanto, mergulhar nos imaginários populares mais amplamente partilhados, uma vez que deve atingir o maior número, em nome de uma espécie de contrato de reconhecimento implícito (...)”. Bolsonaro, assim, tenta atingir determinadas expectativas da população e usará de estratégias discursivas para construir uma imagem de si correspondente a isso. Além disso, os procedimentos linguísticos-discursivos adotados pelo sujeito que fala são mais ou menos conscientes e seus interlocutores podem percebê-los ou não.

Vale lembrar que o *ethos* é um cruzamento de olhares (CHARAUDEAU, 2011), isto é, uma via de mão dupla, em que, neste caso, o EUC, na figura de Bolsonaro, infere/imagina o que outro (TUI, no caso todos que tiveram contato com este discurso) enxerga/pensa dele e o TUI faz a mesma ação, ou seja, o público pensa e traz inferências sobre EUC. Dessa forma, Bolsonaro utilizará de estratégias discursivas para alcançar seus objetivos, contudo, vale ponderar que isto pode ter ou não sucesso.

A noção de *ethos* prévio (MAINGUENEAU, 2008) aponta para uma importante colocação. O TUI cria uma imagem do EUC, haja vista que, mesmo antes de Bolsonaro enunciar nos espaços de pronunciamento, o público já forma uma imagem antecipada para ele, tendo em vista tudo que já conhecem deste sujeito devido ao seu passado político e midiático. Logo, o *ethos* pré-discursivo aponta para o que já conhecemos de Bolsonaro e o que sabemos e esperamos de um político no cargo de presidente.

Paralelamente, um procedimento discursivo empregado pelo sujeito que fala é a vocalidade. No *ethos* discursivo de Bolsonaro, ela precisa ser considerada. Charaudeau (2011) propõe o “falar forte”, que seria relacionado ao orador que apresenta um porte físico e corpulência que evoca força. Apesar de Bolsonaro não apresentar tais características físicas, isto é rememorado pelo seu passado de militar. Algo muito próximo acontece com seu vice, que é um general, e que, ao enunciar, fala de forma enérgica e agressiva. O falar forte é

presente principalmente no segundo discurso dirigido ao povo. Nele, é possível perceber pelo tom de voz alinhado às frases do pronunciamento que Bolsonaro buscava ser mais direto e firme nas suas colocações. Há um certo desempenho dele em frente ao púlpito diante do público e alguns gestos, que marcam essa vocalidade.

Bolsonaro tentará ser aceito e para isso se perguntará do que precisa ser realizado para conseguir tal aprovação e criar uma imagem que ligue a este desejo. Dessa forma, para validar sua credibilidade, ele tenta construir o *ethos* de sério, virtuoso e competente, que podemos exemplificar abaixo:

- a) O *ethos* de sério é expressado pela postura corporal de Bolsonaro ao falar no microfone durante o pronunciamento, sua vestimenta formal e social, firmeza ao falar e construção de frases curtas. Ao vermos sua expressão, ele tem um semblante mais fechado, expressões faciais sisudas e poucos sorrisos, o que pode nos remeter ao seu passado militar que exige essa configuração.
- b) O *ethos* de virtuoso poderá ser constatado ao longo do mandato de Bolsonaro se ele desenvolver ações sinceras e fiéis. Além de que esta imagem retornará a sua vida pública e privada, exigindo que ele se apresente de forma transparente. Porém, por Bolsonaro figurar no cenário político e ter conseguido uma ascensão nos últimos anos, muitos aspectos de sua vida já colaboram para construção desta imagem. Escândalos e polêmicas que envolvem sua vida pessoal e sua família apontam-nos para uma dificuldade de se edificar como virtuoso. Contudo, neste *ethos*, Bolsonaro tenta projetar sua virtude ao trazer marcas religiosas, fundamentalmente, quando se coloca como merecedor de um milagre divino que salvou sua vida. Isso indica que ele tenta se colocar como um salvador, já que por ter sua vida preservada, tem como missão governar o país.
- c) O *ethos* de competência é identificado pela demonstração de domínios do campo no qual o político está, além de suas experiências e conhecimento. Assim, Bolsonaro tenta afirmar sua competência dizendo “(...) por onde, 28 anos me empenhei em servir a nação brasileira (...)”.

A mistura destes elementos ajudam na composição da imagem de tentar se mostrar como um bom governante. Outro aspecto fundamental são os *ethé* de identificação (potência, caráter, inteligência, humanidade, chefe, solidariedade), que buscam atingir o máximo de pessoas, objetivo de Bolsonaro enquanto presidente. Portanto, verifica-se que

- a) O *ethos* de potência evidencia um homem proativo, que irá agir, e não apenas ficar nas palavras. Isso apresenta-se nos discursos a partir de excertos como: “(...) com a missão de representar o povo brasileiro” e “(...) trabalharei incansavelmente (...)”, que apontam a criação de um desejo de agir. Ainda, há neste *ethos* a figura de virilidade sexual, ou seja, uma reputação de conquistador/“Don Juan”, como aponta Charaudeau (2011), e que é exprimido no fragmento em que Bolsonaro cita o local onde conheceu sua esposa: “Minha querida esposa, Michele, daqui de Ceilândia. (...) A conheci aqui na Câmara”. No vídeo da posse, percebe-se que Bolsonaro ao fazer essa citação sorri diante o público composto ali por políticos e aliados.

Figura 6 – Captura de tela no momento em que Bolsonaro cita a esposa e comenta a conheceu naquele ambiente institucional



Fonte: Poder360 (2019)⁴²

- b) O *ethos* de caráter aparece em Bolsonaro mediante duas figuras: a provocação e a polêmica. Provocar é trazer declarações para causar reações em alguém, no caso, ele enuncia: “O cidadão de bem merece dispor de meios para se defender, respeitando o referendo de 2005, quando optou, nas urnas, pelo direito à legítima defesa”, “Temos o grande desafio de enfrentar os efeitos da crise econômica, do desemprego recorde, de ideologização de nossas crianças, do desvirtuamento dos direitos humanos e da

⁴² Vídeo disponível no *YouTube* pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=nEayFGYwWkQ>.

desconstrução da família”. Já a polêmica ocorre quando Bolsonaro ataca adversários políticos e traz possíveis causas, na visão dele, dos problemas brasileiros, como nas passagens: “(...) quando os inimigos da pátria, da ordem e da liberdade tentaram pôr fim à minha vida (...)”; “A irresponsabilidade nos conduziu à maior crise ética, moral e econômica de nossa história”; “(...) Graças a vocês conseguimos montar um governo sem conchavos ou acertos políticos, formamos um time de ministros técnicos e capazes para transformar o nosso Brasil”; “Não podemos deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros”; “Essa é a nossa bandeira, que jamais será vermelha. Só será vermelha se for preciso o nosso sangue para mantê-la verde e amarela”. Conclui-se que Bolsonaro tenta construir uma imagem ligada ao caráter pelas figuras de polêmica e provocação. A polêmica é associada nos momentos em que ele liga implicitamente as problemáticas do país aos antigos presidentes do Brasil de partidos de esquerda. E as provocações ocorrem em quase todo pronunciamento ao trazer propostas que geram impacto no seu público-alvo.

- c) Bolsonaro não fornece argumentos com base em uma razoabilidade que justifique, discursivamente, o *ethos* de inteligência. Em poucos momentos, como quando ele diz “Montamos nossa equipe de forma técnica, sem o tradicional viés político que tornou nosso estado ineficiente e corrupto”, aparece este *ethos* como uma tentativa de se mostrar como alguém inteligente e capaz de montar uma equipe de governo;
- d) O *ethos* de humanidade é mensurado quando Bolsonaro demonstra seus sentimentos dizendo estar emocionado, fortalecido e agradecido.
- e) O *ethos* de chefe ocorre a partir do momento que Bolsonaro tenta construir a imagem de orientador ao trazer frases como: “(...) trabalharei incansavelmente para que o Brasil se encontre com o seu destino (...)”; “Uma de minhas prioridades é proteger e revigorar a democracia brasileira, trabalhando arduamente (...)”; “E eu estou aqui para responder e, mais uma vez, me comprometer com esse desejo de mudança. Também estou aqui para renovar nossas esperanças e lembrar que, se trabalharmos juntos, essa mudança será possível”; “Podem contar com a minha dedicação para construir o Brasil dos nossos sonhos”. Por estas frases, evidencia-se que Bolsonaro ao expor que trabalhará arduamente, ele se projeta como o presidente capaz de solucionar os problemas do país.

- f) O *ethos* de solidariedade é expresso quando Bolsonaro busca aproximar-se dos seus eleitores usando palavras como juntos, nós, vocês e, ainda, trazendo temáticas difundidas por ele como de interesse deste público. Logo, isso traz a tentativa de criar uma imagem de querer unir-se com o povo e ser recíproco.

As escolhas linguísticas feitas pelo orador do discurso também apontam para essa constituição de uma imagem de si. Bolsonaro opta por frases curtas, verbos na primeira pessoa do plural (para aproximar-se do público), referências à religião, Deus, família e às temáticas já citadas fazem parte deste processo.

Figura 7 – Captura de tela do discurso de posse no Congresso Nacional



Fonte: Rede Globo de Televisão (2019)⁴³

O *pathos* tem o foco nos efeitos visados, pois não existem formas de mensurar as emoções produzidas em cada sujeito do discurso. Seu objetivo é apreender o outro, ou seja, captar o público. As emoções, portanto, aparecem em diferentes momentos dos discursos.

Podemos exemplificar, em nossas análises, com os gritos vibrantes e aplausos, indícios do efeito positivo produzido, pelo menos nessas pessoas (aliados), poucos instantes antes de Bolsonaro iniciar seu pronunciamento no Congresso Nacional. Neste momento ele termina de assinar o termo de posse e está oficialmente empossado na presidência.

⁴³ Vídeo disponível no *site* da GloboNews pelo *link*:
<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/t/videos/v/discurso-de-posse-do-presidente-jair-bolsonaro-no-congresso-nacional/7269434/>.

Figura 8 – Captura de tela do momento em que Bolsonaro termina de assinar o termo de posse e as câmeras filmam os congressistas vibrando.



Fonte: Poder360 (2019)

O fim do discurso também traz marcas patêmicas, em que é possível notar nas imagens a euforia (sorrisos, acenos) dos políticos ali presentes, que estavam aglomerados próximos a mesa onde Bolsonaro e demais autoridades estavam discursando.

Figura 9 – Captura de tela do fim do primeiro pronunciamento de Jair Bolsonaro, em que os políticos continuam aglomerados próximos à mesa.



Fonte: Poder360 (2019)

Já no segundo discurso, dirigido ao público de eleitores ali presentes na Praça dos Três Poderes, notam-se reações quando Bolsonaro enuncia sobre estar vivo: “(...) E isso só está sendo possível porque Deus **preservou a minha vida.**” Neste momento, podem ser escutados gritos. Também acontece a mesma situação quando ele diz que **se dirige a todos como presidente**, ou seja, ao enunciar seu status político seu eleitorado comemora.

É notória a vibração daquele público apoiador de Bolsonaro quando o mesmo diz a seguinte expressão: “o povo começou a se **libertar do socialismo**”. Neste instante, há um corte de câmera na transmissão se direcionando ao público, conforme pode-se notar na figura a seguir. Tal exaltação continua quando ele diz: “(...) se **libertar (...) do politicamente correto**”.

Essa expressão ‘politicamente correto’ precisa ser problematizada. De acordo com o Cambridge Dictionary, “someone who is politically correct believes that language and actions that could be offensive to others, especially those relating to sex and race, should be avoided”, isto é, alguém politicamente correto acredita que linguagem e ações podem ser ofensivas para outras pessoas, especialmente aquelas relacionadas a sexo e raça, e devem ser evitadas. (tradução nossa). Logo, vê-se que o sentido empregado por Bolsonaro ao usar este sintagma é oposto ao que ele significa. Para ele, politicamente correto seria uma espécie de represália que o impede de falar o que bem entende sobre qualquer temática. Ao se colocar contra isso, Bolsonaro mostra que é contrário a estes princípios e que para ele não existem ofensas. Chama a atenção, ainda, o uso do verbo “libertar” e suas derivações nos pronunciamentos. Libertar é se soltar de algo que está prendendo. É necessário pontuar como “libertar” possui essa carga positiva, o que é colocado na sequência é posto, conseqüentemente, como negativo. Assim, para Bolsonaro, o Brasil estava preso aos antigos governos de esquerda, que, segundo ele, foram o mal do país.

Figura 10 – Captura de tela durante o pronunciamento no Parlatório em que o público é afetado pelo discurso



Fonte: TV Brasil (2019)⁴⁴

O mesmo acontece quando Bolsonaro diz ter feito a **campanha política mais barata da história**, para mostrar um “diferencial” de governo. Aquele público grita “mito”, léxico adotado pelos bolsonaristas para se referir a Jair Bolsonaro, e ele retribui pegando uma bandeira do Brasil e a sacudindo. Vale pontuar que mito significa “1. Fábula que relata a história dos deuses, semideuses e heróis da Antiguidade pagã; 2. coisa que não tem existência real; 3. aquilo em que não se crê; 4. quimera, utopia” (AMORA, 2009, p.466), e, no caso destes sujeitos que ovacionam Bolsonaro, querem dizer que ele é uma espécie de deus e herói para o país. Em seguida, os gritos continuam quando ele se refere a “**reestabelecer padrões éticos e morais** que transformarão nosso Brasil”. Neste ponto fazer um contraponto, em que, anteriormente, ele disse sobre libertar do politicamente correto, que é um padrão ético e moral da contemporaneidade. E quando Bolsonaro sobre retomar padrões éticos e morais, fala de algo que é de outra temporalidade, portanto são padrões morais conservadores de um passado, de um outro contexto.

Adiante permanece os gritos ao falar “os **interesses dos brasileiros** em primeiro lugar”, algo que apresenta uma generalização dos brasileiros, e, ainda, há gritos quando menciona “**acabar com a ideologia** que defende bandidos e criminaliza policiais (...)”, “**legítima defesa**”, “retirar o **viés ideológico** de nossas relações internacionais”. No final deste

⁴⁴ Vídeo disponível no *YouTube* pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=mNlrh9jNPP4>.

pronunciamento, ele **retoma o atentado que sofreu e o fato de ter sobrevivido**, o que provoca reações eufóricas naquele público. E termina falando seu **slogan de campanha**, erguendo sua mão junto a de seu vice e de sua esposa, além de pegar na bandeira do Brasil, sendo que aquelas pessoas presentes aplaudem, gritam e o chamam de “mito” novamente. Em termos patêmicos, pegar a bandeira retoma a um ufanismo, um patriotismo exacerbado. Isto remete inclusive ao período ditatorial brasileiro em que ocorria uma onda nacionalista.

As exaltações continuam com sua última frase: “Essa é a nossa **bandeira, que jamais será vermelha** [alusão para se referir ao Partido dos Trabalhadores (PT), o qual ele sempre insultou em suas falas]. Só será vermelha se for preciso o nosso sangue para mantê-la verde e amarela.” Esta frase evoca um imaginário bélico, agressivo, que envolveria derramamento de sangue, de luta e de guerra.

Ressalta-se que os momentos analisados pelas imagens mostram apenas uma parcela do público que apoia Bolsonaro, que estava ali presente. De acordo com site UOL, cerca de 115 mil pessoas compareceram naquela situação, número abaixo do esperado pela organização⁴⁵. Constata-se, ainda, que as reações emotivas geradas a partir do discurso ocorrem, sobretudo, quando Bolsonaro cita sobre ideologia — a qual não é especificada concretamente, mas é atribuída aos partidos e movimentos de esquerda, ter sobrevivido a faca e ao custo de sua campanha política. Ideologia, na perspectiva sociológica, seria um sistema de ideias que um grupo social compartilha, que permearão seus interesses e compromissos. Nos enunciados de Bolsonaro, o conceito ganha uma conotação negativa, sendo que para ele a ‘ideologia’ é nefasta e está alinhada à esquerda política. Contudo, vale ressaltar que Bolsonaro compartilha de ideologias de direita, nacionalista, cristã etc, já que ideologia é um conjunto das ideias dos grupos que agem de modo dominante na sociedade.

Vê-se que este segundo discurso apresenta um caráter mais agressivo, que visasse atingir aquele público-alvo de Bolsonaro. Já as emoções visadas no Congresso são mais contidas, tendo em vista que ali é um ambiente institucional e Bolsonaro buscava atingir seus aliados.

⁴⁵ O Gabinete de Segurança Institucional (GSI) estimava que estariam presentes cerca de 250 a 500 mil pessoas, contudo o número de pessoas foi bem abaixo do esperado. Informações disponíveis na matéria publicada pelo site UOL, no próprio dia da posse. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/01/bolsonaro-posse-publico-115-mil-pessoas.htm>. Acesso em: 20 out. 2019.

A parte dos brasileiros contrários a este governo e todos os sujeitos que tiveram contato com este discurso (TUi) não é evidenciada e nem conseguimos mensurar os efeitos patêmicos emergidos. Ainda assim, vale frisar que a emoção é ligada às subjetividades, isto é, cada sujeito será afetado de uma maneira diferente, o que torna impossível saber o que gerou em cada um.

3.5 Construção das representações para o Brasil, os brasileiros, o governo e o presidente mediante os discursos de posse presidencial em 2019

Os imaginários sociodiscursivos (CHARAUDEAU, 2011, 2017) que permeiam os discursos de Bolsonaro trazem formas sobre como ele compreende o Brasil, os brasileiros e o cargo no qual está empossado e constrói significados para isso. Vale lembrar, de acordo com os preceitos de Charaudeau (2011, 2017), que os imaginários podem ganhar valores axiológicos de bom ou ruim/certo ou errado e, neste caso, este reconhecimento não depende só de quem o projeta, mas, principalmente de quem o recebe e do que essa pessoa mobiliza em termos de referências e valores.

Tendo em vista os saberes, que formam os imaginários sociodiscursivos, em nossas análises, percebemos que não há saberes de conhecimento científico. Estes são aqueles que trazem procedimentos objetivos, por meio de cálculos, experiências e observações, e que podem ser replicados e provados. Ainda, podemos pontuar que não existem saberes de conhecimento de experiência, uma vez que Bolsonaro não apresenta feitos para contar de sua trajetória política, algo que já assinalamos. Há, contudo, uma predominância de saberes de crença, sobretudo os de revelação, quando ele mobiliza o domínio religioso. Isso é constatado quando ao mencionar “Deus”, milagre, tradição judaico-cristã. Logo, existe a mobilização de um saber que se refere às avaliações subjetivas, na qual Bolsonaro apropria-se de julgamentos das coisas do mundo, atribuindo-as ao mundo.

3.5.1 Imaginários sociodiscursivos atribuídos ao Brasil

Para se referir ao Brasil, Bolsonaro apresenta: “Aproveito este momento solene e convoco, cada um dos Congressistas, para me ajudarem na **missão de restaurar e reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da**

irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica.” Aqui, nota-se que, primeiro, seu governo será compartilhado com estes congressistas que contribuirão em seu mandato. Parece-nos, ainda, que ele não se direciona apenas aos apoiadores, pois sabe que necessita dos congressistas para conseguir governar. O uso do verbo convocar sinaliza para um chamamento mais forte que um convite, algo que seria irrecusável e compulsório. Podemos fazer uma analogia ao alistamento militar, que é uma convocação de homens para prestar serviços militares, algo que esteve ligado ao passado de Bolsonaro. Ele usa a palavra missão, que está associada a uma ideia religiosa, de missionários, colocando-se novamente como um enviado divino para solucionar os problemas que ele elenca no discurso. Ao associar o Brasil à corrupção, Bolsonaro entende que o país é marcado pela criminalidade política e que apenas seu governo seria capaz de solucioná-lo. Não somente uma criminalidade no sentido de corrupção, mas de uma forma geral, uma vez que foi um dos seus pontos fortes de campanha presidencial junto à questão do armamento. Ele sinaliza que restaurá-lo e reerguê-lo, isto é, entende-se que o Brasil está “quebrado” e o conserto será feito por este mandato. Implicitamente, diz que o país apresenta uma irresponsabilidade econômica, o que subentende sua associação dos problemas apenas aos governos anteriores. Como também cita “submissão ideológica”, mas não diz quais ideologias seriam e nem justifica o porquê disso.

Adiante, ele diz: “O Brasil **voltará a ser um país livre de amarras ideológicas**”. Isto significa para ele que há uma prisão de ideologias, mas novamente não justifica e nem traz argumentos para isso. No fim do primeiro discurso, Bolsonaro afirma que a partir de seu mandato começa uma nova história: “Um capítulo no qual o **Brasil será visto como um país forte, pujante, confiante e ousado.**” Assim, pode-se entender que em sua visão o país é fraco (oposto de forte e pujante), incrédulo (oposto de confiante) e sem inovações (oposto de ousado). Terminando o primeiro pronunciamento, ele diz: “(...) trabalharei incansavelmente para que o **Brasil se encontre com o seu destino** e se torne a grande nação que queremos”, o que remete-nos que o Brasil é um país sem rumo e desgovernado.

Vale fazer um apontamento na seguinte frase: “(...) **terras férteis abençoadas por Deus (...)**” que faz uma alusão à carta de Pero Vaz de Caminha, enviada ao rei Dom Manuel sobre a descoberta do Brasil e as impressões deste lugar, o que traz este imaginário de exuberância natural. Isso indica que o problema do país não são os recursos naturais, mas as pessoas, fundamentalmente aquelas que se opõem aos ideais políticos de Bolsonaro. Outro ponto a ser considerado é o slogan de campanha: “**Brasil acima de tudo** e Deus acima de

todos”, que indica uma ideia de ufanismo, isto é, de um patriotismo exagerado, como também da vontade de uma divindade como soberana. E novamente a evocação de um imaginário de supremacia divina. Ainda na perspectiva de análise do slogan, podemos pontuar que há um interdiscurso que se assemelha ao “Alemanha acima de tudo” (Deutschland über alles), verso de uma canção nacionalista de August Heinrich Hoffmann, que ganha força durante o nazismo, já que Hitler era fã da canção.

Em suma, os imaginários de Brasil propostos por Bolsonaro são ligados ao país da corrupção e da criminalidade, porém que podem ser solucionáveis, principalmente, pelas bênçãos de Deus e por seu mandato. Isso nos indica um patriotismo exacerbado alinhado a uma ideia de divindade e proteção de Deus.

3.5.2 Imaginários sociodiscursivos atribuídos aos brasileiros

Ao realizar menções aos brasileiros, Bolsonaro traz imaginários relacionados a dois tipos. Primeiro, ele traz explicitamente a ideia de cidadão de bem, que seriam aqueles sujeitos que querem se auto defender da violência (legítima defesa) e que seriam seu eleitorado. Ser cidadão de bem, na visão de Bolsonaro, são aquelas pessoas regidas por uma moral cidadã ou religiosa cristã, e que são adeptas de uma política parecida com a dele. Ao adotar esta expressão ele realiza uma segregação de indivíduos (de bem e de mal) — contribuindo bastante para a polarização crescente no país —, e tenta atrair seus eleitores por se identificarem com este imaginário. Isso é evidenciado na frase: “O **cidadão de bem** merece dispor de meios para se defender, respeitando o referendo de 2005, quando optou, nas urnas, pelo direito à legítima defesa”. Este referendo citado é sobre a comercialização de armas de fogo no país, em que os brasileiros deveriam votar ‘sim ou ‘não’ para a pergunta “O comércio de armas de fogo e munição deve ser proibido no Brasil?”. Implicitamente, se há um cidadão de bem é porque há um de mal, que seria, na visão de Bolsonaro, o sujeito que não é seu eleitor e, fundamentalmente, atua na sua oposição, sendo classificado por ele por sujeito que tem posicionamentos de esquerda. Mais uma vez ele cita uma divisão dos brasileiros ao dizer que “(...)ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros”.

Outro momento que suscita os imaginários sobre brasileiro é

Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana **daqueles brasileiros**: que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias; que exigem saúde, educação, infraestrutura e saneamento básico, em respeito aos direitos e garantias fundamentais da nossa Constituição. (grifo nosso)

Nota-se que a contração ‘daquele’ indica que são brasileiros específicos que desejam esses pontos que ele traz. Ou seja, aqueles que não compactuam com ele não são dignos dessas pautas.

Outro imaginário de brasileiro é ligado ao engajamento. Na visão de Bolsonaro, houve esforço e engajamento para que ele fosse eleito. **“Nada aconteceria sem o esforço e o engajamento de cada um dos brasileiros** que tomaram as ruas para preservar nossa liberdade e democracia.”

Portanto, o brasileiro para Bolsonaro está dividido em dois grupos, sendo que ele se dirige apenas para os cidadãos de bem. Estes seriam aqueles sujeitos que compartilham de valores e moralidades conservadores, ideologias políticas de direita e são adeptos/apoiadores do seu governo. Em oposição, há os cidadãos “de mal”, que não são ditos explicitamente, que por uma oposição discursiva subentendida como aqueles contrários às políticas e governo bolsonaristas.

3.5.3 Imaginários sociodiscursivos atribuídos ao governo

Nos discursos, o governo bolsonarista é marcado por uma coletividade, em que Bolsonaro governaria juntamente a população e aos órgãos político-administrativos, tentando mostrar que não seria tirânico e nem autoritário, como na frase: “Pretendo **partilhar o poder**, de forma progressiva, responsável e consciente, **de Brasília para o Brasil; do Poder Central para Estados e Municípios.**” Também traz citações ao Congresso Nacional, como **“Contamos com o apoio do Congresso Nacional** para dar respaldo jurídico aos policiais para realizarem seu trabalho”; também ao parlamento **“Vamos valorizar o Parlamento**, resgatando a legitimidade e a credibilidade do **Congresso Nacional.**”; e, novamente, propõe uma união no fragmento “Esses desafios só serão resolvidos mediante um verdadeiro **pacto nacional entre a sociedade e os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário**, na busca de

novos caminhos para um novo Brasil”. Esta última frase traz a ideia de pacto, que seria uma aliança forte, como podemos lembrar os pactos de sangue, uma espécie de contrato que liga às partes em um elo inseparável. Além disso, ao fazer esta colocação, ele põe em xeque a independência dos três poderes, já que são autônomos. Um pacto entre Executivo, Legislativo e Judiciário poderia causar uma sobreposição de poderes, afetando a independência de cada um. Na Constituição Federal, em nível de cláusula pétrea, a independência dos três poderes está assegurada.

Bolsonaro, ainda, coloca que o governo será uma espécie de solucionador dos problemas do país. Na frase a seguir evidenciamos esta análise. **“Respeitando os princípios do Estado Democrático, guiados pela nossa Constituição e com Deus no coração, a partir de hoje vamos colocar em prática o projeto que a maioria do povo brasileiro democraticamente escolheu. Vamos promover as transformações que o país precisa.”** Consta-se que ele propõe uma espécie de receita para sanar estes problemas, em que os ingredientes são: princípios democráticos, Constituição e Deus. Porém, devemos salientar que o Brasil é um estado laico, ou seja, não deveria haver interferência de vieses religiosos na política. Porém, Bolsonaro coloca estes três referenciais (estado democrático, constituição e Deus) no mesmo patamar e como um sendo complementar ao outro. No caso, pontua-se que a posição religiosa do governo bolsonarista seria ligada ao cristianismo.

Outro imaginário ligado ao governo é o de confiança e esperança. **“Os favores politizados, partidarizados devem ficar no passado, para que o Governo e a economia sirvam de verdade a toda nação”, “Por muito tempo, o país foi governado atendendo a interesses partidários que não o dos brasileiros. Vamos restabelecer a ordem neste país.”** e **“(…) E ao governo cabe ser honesto e eficiente”** apontam para um novo país, que se deixar seu passado para trás consolidará um novo Brasil, e que a população pode sonhar e ter esperança de mudanças.

Assim, nota-se que Bolsonaro projeta dois países, um antes e um depois dele. O Brasil do passado seria o do “mal”, ligado aos governos de esquerda, que, para ele, arruinaram o país e as pessoas. E haverá um Brasil depois de seu mandato, que resolverá todos os problemas que ele indica nos discursos e que “libertará” o país do seu passado.

3.5.4 Imaginários sociodiscursivos atribuídos ao presidente

Um imaginário relativo ao papel de presidente é de um político que conseguirá unir a sociedade. Ele evidencia isso no excerto: “Reafirmo **meu compromisso** de construir uma sociedade **sem discriminação ou divisão**.” Esta colocação é contraditória a vários trechos dos discursos de Bolsonaro, já que a todo momento ele busca separar os brasileiros em dois tipos. Há uma separação discursiva e axiológica de brasileiros, sendo aqueles que votaram nele e que compartilham de seus valores, os cidadãos de bem, e aqueles outros que são contrários e problemáticos no seu entendimento. Como ele “construirá” uma sociedade brasileira sem divisão já separando as pessoas por valores axiológicos? É contraditório também pelo o que ele já disse em outros momentos sobre LGBTs, mulheres, negros, índios, etc.

Destaca-se o fato de Bolsonaro trazer que sua campanha eleitoral foi a mais barata da história, algo que em sua visão é de se vangloriar enquanto presidente. Ele ainda coloca sua campanha como um momento “cívico”, ou seja, um movimento que atraiu os cidadãos para as ruas em sua defesa e apoio. A seguir, podemos exemplificar estas considerações com o trecho: “Uma campanha eleitoral transformou-se em um **movimento cívico**, cobriu-se de **verde e amarelo**, tornou-se espontâneo, forte e indestrutível, e nos trouxe até aqui”, nesta frase há uma conotação positiva ao momento cívico e, novamente, traz uma ideia de patriotismo. As cores citadas parecem ter sido tomadas para si. Ainda nesta perspectiva, ele traz “**Minha campanha eleitoral atendeu aos chamados das ruas** e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo, e Deus acima de todos”, o que sinaliza para uma representação de que ele ouviu os desejos (chamados) da população e conseguiu trazer isso em sua campanha, sendo que novamente há uma referência bíblica e religiosa.

Neste ponto, vale destacar o uso do verbo ‘forjar’ que significa “1. Trabalhar, aquecer ou fazer alguma coisa na forja; 2. fabricar, inventar, fazer; 3. planejar; 4. falsificar, desvirtuar. ” (AMORA, 2009, p. 324). Assim, com este verbo, ele salienta uma tentativa de trabalhar igual se trabalha em uma forja moldando metais pesados, retomando esta ideia de que trabalhará arduamente, de forma intensa.

Outro imaginário proposto por ele para si é o de salvador, como aquele sujeito político capaz de sanar as problemáticas brasileira e proteger de todo aquele “mal”, como traz no trecho: “Uma de **minhas prioridades** é proteger e revigorar a democracia brasileira (...)”. E como messias que teve sua vida salva por Deus por um milagre, algo que ele coloca em evidência em diferentes momentos do pronunciamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia buscou-se discutir e refletir sobre a política contemporânea e o cenário que proporcionou a ascensão de Jair Bolsonaro e sua vitória nas eleições presidenciais de 2018. Assim, buscamos fazer um percurso contextualizando este momento político brasileiro até chegarmos nas análises dos discursos de posse presidencial, indagando quais e como foram construídas as estratégias discursivas por Jair Bolsonaro nos discursos de posse presidencial em 2019 para representar o Brasil, os brasileiros, o governo e a presidência.

Uma série de acontecimentos foram se sucedendo, sobretudo pós-2013, que culminaram para a emergência de uma onda conservadora. Naquele ano, um crescimento de movimentos de tomada das ruas em formas de protestos começaram a marcar a história do país e foram o estopim para que movimentos começassem a eclodir pelo Brasil. Naquela época, os manifestantes diziam que “não era apenas por vinte centavos” e reivindicavam direitos sociais. Paralelamente a isso, escândalos de corrupção começaram a ganhar destaque no cenário midiático e, a partir disso, o descrédito na política por parte dos cidadãos começou a crescer.

Estes fatos fizeram com que a população brasileira começasse a se rebelar contra a política e a buscar representantes que não estivessem ligados a um passado neste âmbito ou que se propusessem a mudar aquele cenário. E assim, alguns sujeitos passaram a se destacar a partir de seus discursos de combate à corrupção e às criminalidades.

Um dos sujeitos que soube aproveitar da situação foi Jair Bolsonaro, que conforme analisamos no primeiro capítulo, usou das mídias on-line para crescer e ganhar repercussão. Lançando-se como candidato à presidência, ele articulou uma campanha nas redes sociais, sobretudo, já que, devido às configurações partidárias e às leis de tempo eleitoral, ele não dispunha de espaço suficiente para se expor. É importante dizer que sua principal estratégia para ganhar notoriedade foram as redes sociais e os públicos destas plataformas.

A partir da articulação destes elementos, Bolsonaro lança-se como candidato e ganha as eleições de 2018. Com discursos marcadamente conservadores, alinhados à ultradireita, e polarizadores, ele traz em sua fala elementos ligados à religião, e de combates à criminalidade, à corrupção e às ideologias de esquerda.

Em linhas gerais, ao analisarmos os dois pronunciamentos de posse, que marcaram o início do mandato e o institucionalizaram como presidente, percebemos que ele tenta se

projetar como uma espécie de salvador/messias que seria capaz de resolver problemáticas do país. Para isso, retoma o acontecimento de Juiz de Fora e afirma ter recebido um milagre divino. Isso evoca imaginários sociodiscursivos relacionados à religião e mostra a tentativa de construir a imagem de uma pessoa digna de um milagre e, portanto, capaz de governar o Brasil e solucionar os problemas como uma espécie de enviado de Deus.

Aos brasileiros, eles são referidos nos discursos de duas formas, a primeira como cidadãos de bem, que seriam pessoas alinhadas aos valores conservadores, pensamentos políticos ultraconservadores, que se opõem frontalmente ao governo anterior, adeptos de Bolsonaro. Implicitamente, há os cidadãos de “mal”, em contrapartida, que seriam aqueles contrários ao governo bolsonarista, que se ligam às ideologias políticas de esquerda e que, portanto, seriam indignos das políticas que Bolsonaro fará.

Para o Brasil, ele sugere que o país é abençoado por Deus, mas que foi corrompido pelos governos anteriores. Além disso, o problema do Brasil seriam as pessoas que se opõe ao seu mandato. E, ainda, que o país é marcado pela criminalidade e corrupção, o que retoma a ideia de culpa às pessoas.

Ao governo, Bolsonaro busca transmitir a imagem de que será um governo compartilhado, isto é, democrático, contrário a tirania. Todavia, essa proposição não é discursivamente sustentada por argumentos sólidos, já que prescreve o estabelecimento de um pacto entre poderes, o que nos indica uma complexa problemática, uma vez que pacto é um elo contratual forte e que apresenta uma garantia de cumprimento pela sua configuração, além de que o Executivo, Legislativo e Judiciário são poderes autônomos e suas uniões podem provocar uma justaposição de um poder sobre o outro. Portanto, isso seria algo perigoso.

Vale dizer ainda que Bolsonaro tenta construir uma imagem para si de messias, iluminado por um deus, capaz de resolver problemas que o Brasil enfrenta, um sujeito que já estava na política há tempos, e ainda que seria contrário a corrupção. Isso é o que ele constrói para se projetar naquele espaço de pronunciamento. Os discursos, de forma geral, não apresentam efetivamente propostas políticas para o país. Apenas existem pinceladas do que será realizado, mas sem um aprofundamento, ocupando a maior parte de seu tempo fazendo ataques implícitos ao governo petista.

Para chegarmos nestas considerações, utilizamos a teoria charaudiana da Semiologia, que nos auxiliou nas análises com seu repertório conceitual e com lentes metodológicas que usamos para estudar os discursos. Em termos de estratégias discursivas,

Bolsonaro tenta criar uma imagem de si positiva, não por meio de razoabilidade ou de argumentos de uma ordem racional, mas de vinculação mais claramente emocional, patêmica e reveladora de polêmicas.

Foi um ano de estudos, leituras, conversas nas orientações até concluirmos este TCC. Esperamos que esta pesquisa contribua nos estudos sobre este governo e a atual política que vivenciamos no país. Aspiramos que reflexões surjam a partir das análises e discussões trazidas aqui. Desejamos também que ela seja importante para o contexto atual e futuro brasileiro, já que estamos imersos em um momento de polarização política, de medos e inseguranças.

Contudo, notamos que há um pouco de esperança para que este cenário se transforme, haja vista situações vivenciadas por países da América Latina, a exemplos dos protestos sociais que eclodiram no Chile e na Argentina recentemente. Além das manifestações ocorridas neste ano contra as medidas do governo Bolsonaro que prejudicaram a educação do país, em que milhares de pessoas saíram às ruas para reivindicar os direitos que estavam sendo cerceados e as ameaças que estávamos sofrendo. E ainda, a libertação de Lula depois de 580 dias preso em Curitiba sem provas.

Todos esses episódios recentes nos indicam que mudanças estão acontecendo e estão porvir e que nunca se fez tão necessário a união de todos para lutarmos e enfrentarmos estes problemas e ameaças. É um momento em que ninguém deve soltar a mão de ninguém, em que devemos estar juntos, lutando, manifestando e nos expressando, fundamentalmente, no espaço da ciência e da universidade.

O problema que enfrentamos não é a existência de partidos e movimentos de esquerda, como Bolsonaro põe em suas falas, ou de centro, ou de direita, mas os extremismos nos espectros ideológicos. O conservadorismo acima de tudo e de todos é um problema, o que nos afeta na perda de direitos e conquistas. Estamos vivendo um período de represálias e acirramentos políticos, em que as polarizações tendem a piorar todo este cenário.

Encerramos este trabalho não trazendo conclusões fechadas e estagnadas, mas propondo reflexões para pensarmos nos perigos que estamos enfrentando com um governo ultraconservador no poder e para buscarmos maneiras de sermos resistência em um momento tão complexo e difícil para todos nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/5615>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ARRETCHE, Marta; ARAÚJO, Victor. O BRASIL TORNOU-SE MAIS CONSERVADOR?: Apoio à redistribuição e à taxaço no Brasil. **Novos Estudos**. São Paulo, p. 15, 2017. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/48f43fa6fdfeaf86840e2f2c698eab7a/1?pq-origsite=scholar&cbl=2044963> Acesso em: 23 ago. 2019.

AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BERTANI, Karine. A política entra no ar: evolução e características do horário gratuito de propaganda eleitoral. **Revista Ciências Sociais em Perspectiva**. Cascavel, Paraná, v. 5, n. 8, p. 103-115, 2006. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ccsaemperspectiva/article/view/1433/1163> Acesso em: 19 ago. 2019.

BONFIM, João Bosco Bezerra. **Palavra de presidente**: os discursos presidenciais de posse, de Deodoro a Lula. LGE Editora. 2008. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/91988>. Acesso em: 15 maio 2019.

CANDIDO, Evelyn Coutinho Rother; GOMES, Nataniel dos Santos. Memes – uma linguagem lúdica. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 1293-1303, 2015. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO21/63supl/092.pdf>. Acesso em: 1 out. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. (Orgs.) **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.11- 27, 2005. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em: 21 jun. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. Pathos e discurso político. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emilia (Orgs.), **As Emoções no Discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p.240-251, 2005. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Pathos-e-discurso-politico.html>. Acesso em: 20 set. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, Grenissa; PAULA, Luciane de (orgs.). **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**. Uberlândia: Edufu, 2010. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-socio-comunicacional-do.html>. Acesso em: 9 set. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela Maria da Silva Corrêa. 2. ed., 2a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v.7, n.1, p.571-591, jan./jun. 2017. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/28575/1/2017_art_alsilvarmangrisano.pdf. Acesso em: 14 jun. 2019.

FELIX, Sérgio Luiz da Conceição. **Fake News e Política: um estudo sobre notícias falsas e imagem pública de Jair Bolsonaro no Facebook**. 2019, 63f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO; SPOTIFY STUDIOS. **O povo e a posse de Bolsonaro**. Café da Manhã, 2 jan. 2019. Podcast, 13min42s. Disponível em: <https://spoti.fi/2VidP1B>. Acesso em: 2 abr. 2019.

HJARVARD, Stig. Miatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1430/143023787004.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2019.

JUSTIÇA ELEITORAL. **TSE - Divulgação de Resultados de Eleições**. Disponível em: <http://divulga.tse.jus.br/oficial/index.html>. Acesso em: 4 abr. 2019.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing**. 10. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

LYSARDO-DIAS, Dylia. As contribuições de Patrick Charaudeau para o desenvolvimento da AD no Brasil. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (orgs). **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas**. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 161-180.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.044>. Acesso em: 27 ago. 2019.

MACHADO, Ida Lucia. **Reflexões sobre uma corrente da análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida**. 1. ed. Coimbra, Portugal: Gracio Editor, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **A propósito do ethos**. Tradução de Luciana Salgado. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

MELLO, Renato de. O quadro de contrato comunicacional de Patrick Charaudeau e o texto literário. **Caligrama: Revista de Estudo Românico**, Belo Horizonte, v. 8, p. 41-54, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17851/2238-3824.8.0.41-54>. Acesso em: 12 set. 2019.

MIRA, Gustavo Fernandes Paravizo. **Visibilidade e Representação: As Conexões Midiáticas e Políticas dos Deputados Federais da Zona da Mata Mineira**. 2017, 283f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios & procedimentos**. 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Os imaginários sócio-discursivos sobre o homem do campo difundidos pelos quadrinhos de Chico Bento. **Revista Investigações**, Pernambuco, v. 22, n. 2, p.181-203, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1356/1028>. Acesso em: 12 jun. 2019.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. A mobilização de estratégias na tessitura discursiva de biografias. **Intersecções**, Jundiaí, v. 15, n. 1, p.38-58, 2015. Disponível em: <http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/interseccoes/pdf/interseccoes-ano-8-numero-1.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2019.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. O engajamento de atores políticos nas redes sociais: uma análise discursiva da participação da deputada Margarida Salomão na campanha #meuamigosecreto In: BRAIGHI, Antônio Augusto, LESSA, Cláudio Humberto, CÂMARA, Marco Túlio (Orgs.). **Interfaces do midiativismo: do conceito à prática**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018. Disponível em: <https://interfacedomidiativismo.files.wordpress.com/2018/06/artigo-40.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2019.

ROSA JÚNIOR, Mário. Introdução. In: João Bosco Bezerra. **Palavra de presidente: os discursos presidenciais de posse, de Deodoro a Lula**. LGE Editora. 2008. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/91988>. Acesso em: 15 maio 2019.

RUEDIGER, Marco Aurélio *et al.* **Robôs, redes sociais e política no Brasil: estudo sobre interferências ilegítimas no debate público na web, riscos à democracia e processo eleitoral de 2018**. Rio de Janeiro: FGV, DAPP, 2017. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/18695>. Acesso em: 22 ago. 2019.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, Campo Comunicacional e Mídiação. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Mídiação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

ANEXOS

Transcrição do discurso de posse do presidente Jair Bolsonaro no Congresso Nacional

Disponível em:

<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/t/videos/v/discurso-de-posse-do-presidente-jair-bolsonaro-no-congresso-nacional/7269434/>. Acesso em: 24 set. 2019.

Excelentíssimo presidente do Congresso Nacional, senador Eunício Oliveira.

Senhoras e senhores chefes de Estado, chefes de Governo, vice-chefes de Estado e vice-chefes de Governo, que me honram com suas presenças.

Vice-presidente da República Federativa do Brasil, Hamilton Mourão, meu contemporâneo de academia militar das Agulhas Negras, presidente da Câmara, os deputados.

Prezado amigo, companheiro, deputado Rodrigo Maia.

Ex-presidente da República Federativa do Brasil, senhor José Sarney, senhor Fernando Collor de Melo.

Presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Dias Toffoli.

Senhoras e senhores, ministros de Estado e comandante das Forças aqui presentes.

Procurador-geral da República, Raquel Dodge.

Senhoras e senhores, governadores. Senhoras e senhores, senadores e deputados federais.

Senhoras e senhores, chefes de missões estrangeiras acreditados junto ao governo brasileiro.

Minha querida esposa, Michele, daqui vizinha Ceilândia. Meus filhos e familiares aqui presentes. A conheci aqui na Câmara.

Brasileiros e brasileiras.

Primeiro quero agradecer a Deus por estar vivo, que pelas mãos de profissionais da Santa Casa de Juiz de Fora operaram um verdadeiro milagre. Obrigado, meu Deus.

Com humildade, volto a esta Casa, onde, por 28 anos, me empenhei em servir à nação brasileira, travei grandes embates e acumulei experiências e aprendizados, que me deram a oportunidade de crescer e amadurecer.

Volto a esta Casa, não mais como deputado, mas como Presidente da República Federativa do Brasil, mandato a mim confiado pela vontade soberana do povo brasileiro.

Hoje, aqui estou, fortalecido, emocionado e profundamente agradecido, a Deus pela minha vida e aos brasileiros, por confiarem a mim a honrosa missão de governar o Brasil, neste período de grandes desafios e, ao mesmo tempo, de enorme esperança.

Governar com vocês

Aproveito este momento solene e convoco, cada um dos Congressistas, para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica.

Temos, diante de nós, uma oportunidade única de reconstruir o nosso país e de resgatar a esperança dos nossos compatriotas.

Estou certo de que enfrentaremos enormes desafios, mas, se tivermos a sabedoria de ouvir a voz do povo, alcançaremos êxito em nossos objetivos, e, pelo exemplo e pelo trabalho, levaremos as futuras gerações a nos seguir nesta tarefa gloriosa.

Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um país livre de amarras ideológicas.

Pretendo partilhar o poder, de forma progressiva, responsável e consciente, de Brasília para o Brasil; do Poder Central para Estados e Municípios.

Minha campanha eleitoral atendeu ao chamado das ruas e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo, e Deus acima de todos.

Por isso, quando os inimigos da pátria, da ordem e da liberdade tentaram pôr fim à minha vida, milhões de brasileiros foram às ruas. Uma campanha eleitoral transformou-se em um movimento cívico, cobriu-se de verde e amarelo, tornou-se espontâneo, forte e indestrutível, e nos trouxe até aqui.

Nada aconteceria sem o esforço e o engajamento de cada um dos brasileiros que tomaram as ruas para preservar nossa liberdade e democracia.

Reafirmo meu compromisso de construir uma sociedade sem discriminação ou divisão.

Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana daqueles brasileiros: que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias; que exigem saúde, educação, infraestrutura e saneamento básico, em respeito aos direitos e garantias fundamentais da nossa Constituição.

O Pavilhão Nacional nos remete à “Ordem e ao Progresso”

Nenhuma sociedade se desenvolve sem respeitar esses preceitos.

O cidadão de bem merece dispor de meios para se defender, respeitando o referendo de 2005, quando optou, nas urnas, pelo direito à legítima defesa.

Vamos honrar e valorizar aqueles que sacrificam suas vidas em nome de nossa segurança e da segurança dos nossos familiares.

Contamos com o apoio do Congresso Nacional para dar o respaldo jurídico aos policiais para realizarem seu trabalho.

Eles merecem e devem ser respeitados!

Nossas Forças Armadas terão as condições necessárias para cumprir sua missão constitucional de defesa da soberania, do território nacional e das instituições democráticas, mantendo suas capacidades dissuasórias para resguardar nossa soberania e proteger nossas fronteiras.

Montamos nossa equipe de forma técnica, sem o tradicional viés político que tornou nosso estado ineficiente e corrupto.

Vamos valorizar o Parlamento, resgatando a legitimidade e a credibilidade do Congresso Nacional.

Na economia traremos a marca da confiança, do interesse nacional, do livre mercado e da eficiência.

Confiança no compromisso de que o governo não gastará mais do que arrecada e na garantia de que as regras, os contratos e as propriedades serão respeitados.

Realizaremos reformas estruturantes, que serão essenciais para a saúde financeira e sustentabilidade das contas públicas, transformando o cenário econômico e abrindo novas oportunidades.

Precisamos criar um ciclo virtuoso para a economia que traga a confiança necessária para permitir abrir nossos mercados para o comércio internacional, estimulando a competição, a produtividade e a eficácia, sem o viés ideológico.

Nesse processo de recuperação do crescimento, o setor agropecuário seguirá desempenhando um papel decisivo, em perfeita harmonia com a preservação do meio ambiente.

Dessa forma, todo setor produtivo terá um aumento da eficiência, com menos regulamentação e burocracia.

Esses desafios só serão resolvidos mediante um verdadeiro pacto nacional entre a sociedade e os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, na busca de novos caminhos para um novo Brasil.

Uma de minhas prioridades é proteger e revigorar a democracia brasileira, trabalhando arduamente para que ela deixe de ser apenas uma promessa formal e distante e passe a ser um componente substancial e tangível da vida política brasileira, com o respeito ao Estado Democrático.

A construção de uma nação mais justa e desenvolvida requer a ruptura com práticas que se mostraram nefastas para todos nós, maculando a classe política e atrasando o progresso.

A irresponsabilidade nos conduziu à maior crise ética, moral e econômica de nossa história.

Hoje começamos um trabalho árduo para que o Brasil inicie um novo capítulo de sua história.

Um capítulo no qual o Brasil será visto como um país forte, pujante, confiante e ousado.

A política externa retomará seu papel na defesa da soberania, na construção da grandeza e no fomento ao desenvolvimento do Brasil.

Senhoras e Senhores Congressistas,

Deixo esta casa, rumo ao Palácio do Planalto, com a missão de representar o povo brasileiro.

Com a benção de Deus, o apoio da minha família e a força do povo brasileiro, trabalharei incansavelmente para que o Brasil se encontre com o seu destino e se torne a grande nação que todos queremos.

Muito obrigado a todos vocês.

Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!”

Transcrição do discurso de posse do presidente Jair Bolsonaro no Palácio do Planalto

Disponível em:

<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/t/videos/v/jair-bolsonaro-discursano-palacio-do-planalto/7269542/>. Acesso em: 24 set. 2019.

Meu prezado general, com licença, Paula, minha esposa,

Esse momento não tem preço. Servir à Pátria como chefe do Executivo. E isso só está sendo possível porque Deus preservou a minha vida. E vocês acreditaram em mim. Juntos temos

como fazer o Brasil ocupar o lugar de destaque que ele merece no mundo e trazer paz e prosperidade para o nosso povo.

É com humildade e honra que me dirijo a todos vocês como Presidente do Brasil. E me coloco diante de toda a nação, neste dia, como o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, se libertar da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto.

As eleições deram voz a quem não era ouvido. E a voz das ruas e das urnas foi muito clara. E eu estou aqui para responder e, mais uma vez, me comprometer com esse desejo de mudança. Também estou aqui para renovar nossas esperanças e lembrar que, se trabalharmos juntos, essa mudança será possível.

Respeitando os princípios do Estado Democrático, guiados pela nossa Constituição e com Deus no coração, a partir de hoje vamos colocar em prática o projeto que a maioria do povo brasileiro democraticamente escolheu. Vamos promover as transformações que o País precisa. Temos recursos minerais abundantes, terras férteis abençoadas por Deus e por um povo maravilhoso. Temos uma grande nação para reconstruir e isso faremos juntos. Os primeiros passos já foram dados.

Graças a vocês eu fui eleito com a campanha mais barata da história. Graças a vocês conseguimos montar um governo sem conchavos ou acertos políticos, formamos um time de ministros técnicos e capazes para transformar o nosso Brasil. Mas ainda há muitos desafios pela frente.

Não podemos deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros. Ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerce da nossa sociedade.

E convido a todos para iniciarmos um movimento nesse sentido. Podemos, eu, você e as nossas famílias, todos juntos, reestabelecer padrões éticos e morais que transformarão nosso Brasil.

A corrupção, os privilégios e as vantagens precisam acabar. Os favores politizados, partidarizados devem ficar no passado, para que o Governo e a economia sirvam de verdade a toda a Nação.

Tudo o que propusemos e tudo o que faremos a partir de agora tem um propósito comum e inegociável: os interesses dos brasileiros em primeiro lugar.

O brasileiro pode e deve sonhar. Sonhar com uma vida melhor, com melhores condições para usufruir do fruto do seu trabalho pela meritocracia. E ao governo cabe ser honesto e eficiente.

Apoiando e pavimentando o caminho que nos levará a um futuro melhor, ao invés de criar pedágios e barreiras.

Com este propósito iniciamos nossa caminhada. Com este espírito e determinação que toda equipe de governo assume no dia de hoje.

Temos o grande desafio de enfrentar os efeitos da crise econômica, do desemprego recorde, da ideologização de nossas crianças, do desvirtuamento dos direitos humanos e da desconstrução da família.

Vamos propor e implementar as reformas necessárias. Vamos ampliar infraestruturas, desburocratizar, simplificar, tirar a desconfiança e o peso do Governo sobre quem trabalha e quem produz.

Também é urgente acabar com a ideologia que defende bandidos e criminaliza policiais, que levou o Brasil a viver o aumento dos índices de violência e do poder do crime organizado, que tira vidas de inocentes, destrói famílias e leva a insegurança a todos os lugares.

Nossa preocupação será com a segurança das pessoas de bem e a garantia do direito de propriedade e da legítima defesa, e o nosso compromisso é valorizar e dar respaldo ao trabalho de todas as forças de segurança.

Pela primeira vez, o Brasil irá priorizar a educação básica, que é a que realmente transforma o presente e faz o futuro de nossos filhos.

Temos que nos espelhar em nações que são exemplos para o mundo que por meio da educação encontraram o caminho da prosperidade.

Vamos retirar o viés ideológico de nossas relações internacionais.

Vamos em busca de um novo tempo para o Brasil e para os brasileiros!

Por muito tempo, o País foi governado atendendo a interesses partidários que não o dos brasileiros. Vamos restabelecer a ordem neste País.

Sabemos do tamanho da nossa responsabilidade e dos desafios que vamos enfrentar. Mas sabemos aonde queremos chegar e do potencial que o nosso Brasil tem. Por isso, vamos, dia e noite, perseguir o objetivo de tornar o nosso País um lugar próspero e seguro para os nossos cidadãos e uma das maiores nações do planeta.

Podem contar com toda a minha dedicação para construir o Brasil dos nossos sonhos.

Agradeço a Deus por estar vivo e a vocês que oraram por mim e por minha saúde nos momentos mais difíceis.

Peço ao bom Deus que nos dê sabedoria para conduzir a nação.

Que Deus abençoe esta grande nação.

Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.

Essa é a nossa bandeira, que jamais será vermelha. Só será vermelha se for preciso o nosso sangue para mantê-la verde e amarela.